

**Alfredo Oton de Lima**

**COMO FALAR DE DEUS A PARTIR DO SOFRIMENTO DO  
INOCENTE?**

A contribuição de Gustavo Gutiérrez

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Frei Sinivaldo Silva Tavares

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2021

**Alfredo Oton de Lima**

**COMO FALAR DE DEUS A PARTIR DO SOFRIMENTO DO  
INOCENTE?**

A contribuição de Gustavo Gutiérrez

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia

Área de Concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Frei Sinivaldo Silva Tavares

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2021

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

732c	<p>Lima, Alfredo Oton de</p> <p>Como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente? A contribuição de Gustavo Gutiérrez / Alfredo Oton de Lima. - Belo Horizonte, 2021.</p> <p>81 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Deus. 2. Sofrimento. 3. Pobreza. 4. Espiritualidade. 5. Gutiérrez, Gustavo. I. Tavares, Sinivaldo Silva. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 230.1</p>
------	--

**Alfredo Oton de Lima**

**COMO FALAR DE DEUS A PARTIR DO SOFRIMENTO DO  
INOCENTE?**

A contribuição de Gustavo Gutiérrez

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

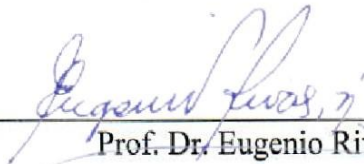
Belo Horizonte, 09 de julho de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA:



---

Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / FAJE (Orientador)



---

Prof. Dr. Eugenio Rivas Perez / FAJE



---

Prof. Dr. Edward N. M. de Barros Guimarães / PUC Minas (Visitante)

## **DEDICATÓRIA**

À  
Vanessa de Lima Lemos  
e  
Maria Coleta de Araújo

Ícones exponenciais que provocaram a  
busca de reflexão sobre a temática do sofrimento do inocente

## **AGRADEDIMENTOS**

À Deus,  
na convicção de ter revelado Sua presença amorosa  
em todo o itinerário de minha vida.

Aos meus Pais,  
primeiros educadores e incentivadores de minha fé.

Ao Prof. Dr. Frei Sinivaldo Silva Tavares  
que, mais que orientador, evidenciou ser um mestre paciente,  
amigo, acolhedor e, especialmente, motivador.

*“O que é de um é de todos.”*

(Antonio Augusto de Lima - para a família)

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
DAp	Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Conselho Episcopal Latino-Americano.
LGBTQI+	A primeira parte, LGB, diz respeito à orientação sexual do indivíduo, ou seja, suas preferências sexuais. A segunda, TQIA +, diz respeito à identidade gênero, isto é, como o indivíduo se reconhece.
Lumen Gentium	Constituição Dogmática – Documento do Concílio Vaticano II
Med	Documento de Medellín. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
DP	Documento de Puebla. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
SANTO DOMINGO	Documento de Santo Domingo. Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã: Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre (Hb 13, 8). Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano



## RESUMO

Esta dissertação busca investigar o instigante tema do falar de Deus a partir do sofrimento do inocente à luz de três obras do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez: *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*, *Beber no próprio poço* e *A verdade vos libertará*. A investigação centra-se nas indagações que emergem de como falar de um Deus que se revela como amor, numa realidade de pobreza, opressão, desigualdade e morte prematura. Como reconhecer o dom gratuito de seu amor e de sua justiça a partir dos que sofrem de forma inocente? Vamos refletir sobre o falar de Deus à luz de uma pobreza padecente de penúria e de esperança a partir de dessa experiência desumana e anti-evangélica que parece negar tudo o que é entendido como Deus. No trabalho investigativo apresentaremos inicialmente o fenômeno do sofrimento do inocente e suas principais causas. Em seguida estudaremos o itinerário espiritual proposto pelo autor caracterizado pelo seguimento de Jesus Cristo na experiência de sofrimento do inocente. Por fim exploraremos especificamente o tema do falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, baseado no livro de Gutiérrez intitulado *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente. Um comentário ao livro de Jó*.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento. Falar de Deus. Inocente. Pobreza.

## ABSTRACT

This work searches an investigation of the instigating theme of talking about God from the suffering of the innocent based on three works by the peruvian theologian Gustavo Gutiérrez: *On Job: God-Talk and the Suffering of the Innocent*, *We Drink from Our Own Wells: The Spiritual Journey of a People* and *The Truth Shall Make You Free*. The investigation focuses on the questions that emerge of how to talk of a God who reveals himself as love, in a reality of poverty, oppression, inequality, and premature death. How to recognize the free gift of his love and justice from those who suffer innocently? We will reflect on talking about God based on a suffering poverty of penury and hope from this inhuman and anti-evangelical experience that seems to deny everything that is understood as God. In the investigative work we will initially present the phenomenon of the suffering of the innocent and its main causes. Next we will study the spiritual itinerary proposed by the author characterized by the following of Jesus Christ in the experience of suffering of the innocent. Finally we will specifically explore the theme of talking of God from the suffering of the innocent, based on Gutiérrez's book entitled *On Job: God-Talk and the Suffering of the Innocent*.

KEY WORDS: Suffering. Talking of God. Innocent. Poverty.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	9
Introdução .....	12
Capítulo I.....	14
“Exilado em sua própria terra”:	14
O sofrimento do Inocente .....	14
1 Situação estrutural de empobrecimento e exclusão .....	14
1.1 Causas econômicas e sociopolíticas .....	16
1.2 Causas culturais, raciais e de gênero .....	19
2 Sofrimento do inocente: fruto de situações de pecado social e estrutural .....	24
3 Conclusão.....	26
Capítulo II.....	27
“Um itinerário espiritual” .....	27
METODOLOGIA e espiritualidade .....	27
1.1 Deus nos amou primeiro.....	28
1.2 Gratuidade <i>versus</i> merecimento .....	29
1.3 Gratuidade e compromisso com a justiça .....	31
1.4 Gratuidade no encontro com o pobre.....	33
2 A opção pelos pobres .....	35
2.1 Uma opção teocêntrica .....	35
2.2 Uma opção profética.....	39
2.3 Uma Opção solidária .....	41
3 Seguir Jesus Cristo é viver segundo o Espírito.....	44
3.1 Espiritualidade e caminho de fidelidade à Deus.....	44

3.2 Espiritualidade e movimento histórico .....	45
3.3 Itinerário espiritual – “nossa metodologia é nossa espiritualidade” .....	47
3.4 Espiritualidade de libertação e experiência de gratuidade.....	48
3.5 Infância espiritual e compromisso com os pobres .....	49
3.6 Espiritualidade e conversão: exigência de solidariedade.....	51
3.7 Uma espiritualidade nova: crisol no seguimento de Jesus.....	52
Capítulo III.....	55
“Como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente?” .....	55
1.1 Uma linguagem acerca do Mistério .....	56
1.2 Falar de Deus: “ato segundo” .....	59
2 A linguagem de Deus à luz do Livro de Jó.....	62
2.1 A aposta .....	63
2.2A Linguagem profética .....	63
2.3 A linguagem da contemplação.....	68
2.4 Conclusão .....	75
Conclusão .....	77
REFERÊNCIAS .....	82

## INTRODUÇÃO

O escopo desta dissertação é indagar acerca das possibilidades e da oportunidade de se falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, à luz de alguns textos do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez. Trata-se de um tema relevante, sobretudo quando considerada a situação de sofrimento injusto, imposta à maioria da população do continente latino-americano e caribenho. O fato de Deus ser Mistério limita bastante a intenção de se falar sobre Ele. O sofrimento humano, especialmente o sofrimento do inocente, torna ainda mais difícil qualquer discurso acerca de Deus. Veremos que são muitas as inquietações que brotam da realidade de pobreza e de fé do povo pobre e sofrido. Pois, como escreve Gutiérrez: "é precisamente sua fé a razão de sua perplexidade... Se pensassem que Deus não é bom, nem amante, nem poderoso, então não haveria problema" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 16). Se Deus é bom, como falar d'Ele, de seu amor e de sua justiça a partir do sofrimento do inocente? A gravidade do sofrimento de inocentes existente no mundo representa um desafio à ideia de que existe um propósito maior por trás da existência humana. Além disso, em meio a esta realidade sombria, há o risco que surjam teologias que expliquem e justifiquem o sofrimento do inocente de forma a não consolar nem libertar.

O âmbito de nossa pesquisa se restringe a três obras de Gustavo Gutiérrez: *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*, *Beber no próprio poço* e *A verdade vos libertará*. São estas, em nossa opinião, as obras mais representativas do autor no tocante ao tema de nossa dissertação. No intuito de compreender melhor o pensamento de Gutiérrez, fizemos algumas incursões no seu clássico *Teologia da Libertação*.

Nossa proposta é, então, examinar algumas características da linguagem sobre Deus que nasce no mundo de populações sofridas por causa da pobreza injusta. Vamos refletir sobre o falar de Deus a partir do sofrimento do inocente na perspectiva do amor gratuito de Deus, da opção preferencial pelos pobres e da espiritualidade emanada dessa situação de miséria extrema.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos o fenômeno do sofrimento do inocente e descreveremos as principais causas que provocam a situação de pobreza e miséria, raiz última deste sofrimento. No segundo, analisaremos o itinerário espiritual proposto por Gutiérrez no qual a opção preferencial pelos pobres é expressão

privilegiada do amor gratuito de Deus. Trata-se de uma espiritualidade caracterizada pelo seguimento de Jesus Cristo deixando-se conduzir pelo Espírito. No terceiro e último capítulo, desenvolveremos especificamente o tema do falar de Deus a partir do sofrimento do inocente a partir, sobretudo, do livro de Gustavo Gutiérrez, intitulado: *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente. Um comentário ao livro de Jó*.

Este livro de Gutiérrez é um extraordinário ensaio sobre o doloroso caminho que conduz paulatinamente Jó, o justo, à experiência do amor gratuito de Deus. À luz da experiência vivida por Jó, interessa-nos aprofundar o sofrimento de milhões de pessoas que sofrem inocentemente. É caso da pobreza dos inocentes na América Latina, milhares de "Jó's", personagens históricas que continuam sofrendo como Jó. Veremos como esse caminho espiritual conduz à assunção da perspectiva dos que sofrem inocentemente, suas preocupações, suas alegrias, sua forma de sentir, pensar e agir. O compromisso com os pobres, a vivência da espiritualidade, o amor gratuito e sincera conversão ao mundo dos pobres são, portanto, os temas principais que serão analisados na perspectiva de Gutiérrez. A partir desses eixos de reflexão buscaremos uma aproximação para responder a provocativa indagação de como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente.

Na inquietação de se falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, veremos que, aparentemente, há um silêncio abismal e um escondimento de Deus no bojo de uma realidade que se revela também como silenciosa e sombria. Se a cruz é o destino de Jesus, a realidade de sofrimento do inocente é também um reflexo de um Deus que se faz pequeno, respeitando a liberdade dada aos seres humanos. No silêncio e escuridão vividos por Jesus crucificado, vemos que a glória do seu ser divino é mais claramente revelada. Jesus revela-se no sofrimento e morte, e inseparavelmente na alegria, no compromisso de serviço e na ressurreição. O mistério pascal de Cristo ilumina a realidade de pobreza daqueles que vivem na escuridão, no silêncio das cruzes de tantos "Jó's" na América Latina, os quais, ainda que imersos nesta realidade de morte, mantêm a firme esperança em Deus e a solidariedade para seus irmãos e irmãs.

## **CAPÍTULO I**

### **“EXILADO EM SUA PRÓPRIA TERRA”:**

#### **O SOFRIMENTO DO INOCENTE**

“Exilado em sua própria terra” é uma das imagens à qual recorre Gustavo Gutiérrez para se referir à experiência de sofrimento de grande parte da população empobrecida do continente latino-americano e caribenho. Nossa intenção, neste primeiro capítulo, é analisar o fenômeno do sofrimento do inocente indagando acerca de suas causas profundas e estruturais. Sem querer negar a complexidade deste fenômeno, concebemo-lo como resultado de uma situação estrutural de empobrecimento e exclusão injustos que tem caracterizado nossas sociedades latino-americanas e caribenhas. Num primeiro momento, analisaremos as causas econômicas e sociopolíticas e também as causas culturais, raciais e de gênero desta situação estrutural. Sucessivamente, a partir da perspectiva teológica, interpretaremos esta situação fortemente marcada por desigualdades econômicas e socioculturais como expressão, para todos os efeitos, do que temos chamado de pecado social.

### **1 SITUAÇÃO ESTRUTURAL DE EMPOBRECIMENTO E EXCLUSÃO**

O sofrimento do inocente é fruto de uma situação estrutural de pobreza vivida por uma grande massa que Puebla classifica como “miséria desumana” (n.29) e “pobreza anti-evangélica” (n.1159). De igual modo, Medellín já havia caracterizado essa situação de sofrimento do inocente como uma “violência institucionalizada” (n. 16). É a realidade daqueles que sofrem inocentemente, não somente pela privação de meios materiais mínimos de sobrevivência, mas também por serem desprezados e considerados insignificantes. São vítimas, portanto, de uma opressão através da qual os dominadores tentam impedir toda e qualquer transformação social. A tal propósito, pode-se dizer que “o pobre é aquele que não tem direito a ter direitos” (ARENDETT, 1989, p. 332).

O sofrimento que atinge o pobre é fruto de uma situação de injustiça estrutural que provoca fome, miséria, analfabetismo, mediante exploração gananciosa e opressiva. Não raras vezes, o pobre sequer se dá conta de ser explorado e reduzido à condição de não saber mais que se é homem, pois torna-se um “insignificante”, um inexistente para o poder econômico dominante.

Há uma dor incomensurável provocada pelo sofrimento do inocente pobre que padece: miséria e fome; marginalização e opressão de raças consideradas inferiores e impuras; discriminação de mulheres e pessoas LGBTQ+; persistente injustiça e desigualdade social; crianças e povos indígenas que resistem lutando por direito à vida. Trata-se de uma situação em que a própria vida é negada, posto que a “pessoa” é reduzida à condição de “não-pessoa”, segundo o que escreve Gutiérrez:

É disto que tratamos quando nos referimos à pobreza, à destruição de pessoas e povos, culturas e tradições. Particularmente, da pobreza dos mais despojados: índios, negros e as mulheres destes, duplamente marginalizadas e oprimidas. Não estamos, todavia – como muitas vezes se pensa – unicamente diante do desafio de uma “situação social”, como se isso fosse algo vindo de fora das exigências fundamentais da mensagem evangélica. Antes, sim, estamos diante de algo contrário ao Reino da vida anunciado pelo Senhor (GUTIÉRREZ, 1984, p.20).

São justamente esses sofrendores inocentes aqueles que “não contam”, “os insignificantes”, que não são considerados seres humanos pela ordem social: classes exploradas, raças marginalizadas, culturas desprezadas e dizimadas por aqueles dominantes que estruturam a sociedade. No entanto, o pobre – considerado “não-homem” – que sofre injustamente, busca a sua própria emancipação histórica, o resgate de sua identidade. Deus ouve o clamor dos pobres inocentes e dispersa os soberbos, que se afastam de Deus ao oprimir o pobre e negando-lhe o amor. Gutiérrez ressalta que o sofrimento do inocente acontece nas situações em que são vítimas da opressão e exploração injustas. Trata-se da própria negação do projeto de Deus que é dar a vida em abundância. Este sofrimento injusto “significa uma realidade de morte negadora do primordial direito humano à existência e ao Reino da vida” (GUTIÉRREZ, 1984, p. 15). Escreve ainda Gutiérrez:

Nada pode justificar que um ser humano careça do necessário para viver com dignidade e que seus direitos mais elementares não sejam respeitados. A dor e a destruição que isso produz nas pessoas vai além do que possa parecer num primeiro contato com o mundo da pobreza (GUTIÉRREZ, 1987, 42).

Nessa perspectiva, negar a vida significa negar o amor ao próximo e, ao fim e ao cabo, negar o amor a Deus. O egoísmo se configura como um fechar-se em si mesmo, rompendo o relacionamento com Deus e com os irmãos, não respeitando o elementar direito à vida do pobre. Pobreza significa morte e os pobres constituem a imensa maioria oprimida, fato que, por si só, seria incompatível com a mensagem evangélica da vida em abundância para todos. Posto que pobreza significa morte, ela constitui implacavelmente uma falha na Criação que é expressão do desígnio de vida do Criador.

Obviamente, pobres não são unicamente aqueles que são injustamente privados de bens básicos de vida. A pobreza é um fenômeno complexo. São pobres todos aqueles que, a partir de atitudes e mentalidades perversas, maliciosas e egoístas, são relegados à condição de injusta inferioridade: mulheres, pessoas LGBTQ+, negros, indígenas. Há ainda discriminações provenientes de fatores culturais e religiosos. Todos esses são pobres, marginalizados e, por isso, sofredores inocentes. A consciência desta situação injusta, cruel e desumana não pode não constituir uma questão que nos interpela em nossa concreta experiência de fé. É em tal contexto que, de forma recorrente, Gutiérrez formula a intrigante questão: “como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente?”.

### **1.1 Causas econômicas e sociopolíticas**

A condição de miséria, pobreza e sofrimento é ocasionada por todo um mecanismo de crescimento econômico mundial que conduz ao aumento de riqueza para uma minoria, de um lado, e, de outro, ao crescimento vertiginoso de maior pobreza para a maioria da população. Estas engrenagens estruturais da economia mundial “não passavam de novas e dissimuladas formas de aumentar o domínio dos grandes grupos econômicos”. (GUTIÉRREZ, 1985, p. 33). Este modelo agudiza a separação entre ricos e pobres ao estruturar e sustentar uma sociedade na qual uma elite muito pequena se favorece de todos os benefícios e privilégios da modernização enquanto a grande maioria da população é condenada a produzir benefícios para os ricos enquanto vivem numa situação de pobreza extrema. Desta forma, a situação social se agrava ainda mais, ou seja, alguns poucos se enriquecem sempre mais às custas do empobrecimento crescente das maiorias



pobres. Consequência disso é o aumento do número de pobres que morrem à margem dos caminhos da vida. A situação de crueldade e injustiça atinge proporções assustadoras. Os pobres, que padecem na fome e na miséria, trabalham arduamente para produzir alimentos para os dominadores ricos sem sequer poder consumir o que produzem. A sociedade fica visivelmente cindida por conta de situações estruturais de injustiça e opressão.

A situação do sofrimento do inocente é de emergência, uma vez que a miséria e a insegurança alimentar atingem frontalmente os pobres. De fato, o fenômeno da escassez de alimentos e da fome constitui uma realidade para milhões de seres humanos. Esta privação de alimentos é considerada degradante e cruel, mais ainda em países que, no contexto das *comodities* e do agronegócio, são considerados verdadeiros celeiros do planeta, não obstante sejam sociedades injustas desiguais e contraditórias. Como entender que países, tidos como potências no agrobusiness, possuam um enorme contingente de pessoas pobres e famintas, bem maior que populações de países poderosos que regulam as relações econômicas? Na realidade, esse sistema de exploração obedece à lógica do agrobusiness: em vez de produzir alimentos, ao contrário, está unicamente interessado em auferir lucros em larga escala às custas da exploração do pobre. Escreve Gutiérrez:

Quanto à visão da realidade, a miséria e a exploração do homem pelo homem vivida na América Latina é descrita como uma situação de injustiça que se pode chamar de “violência institucionalizada”, causadora da morte de milhares de inocentes (GUTIÉRREZ, 1987, p.98).

Em suma, a causa da pobreza está sempre na injustiça. A pobreza é o resultado de condições estruturais e intransponíveis de existência que destroem a vida de milhões de seres humanos. A opressão oriunda dos sistemas econômicos do mercantilismo, da indústria capitalista moderna dos Estados centrais e de seus agentes nas poderosas empresas multinacionais produz a marginalização do assim chamado “Terceiro Mundo” e a pauperização de grandes massas de pessoas. Este sistema econômico baseia-se em estruturas socialmente injustas existentes entre países ricos e países pobres e cria uma teia corrupta de relações, com o objetivo final de explorar os bens e serviços naturais da terra e oprimir os pobres.

Nas relações internacionais adverte-se uma situação estrutural de "dependência"<sup>1</sup>, com as nações pobres gravitando em torno dos grandes centros de poder econômico, totais beneficiários dessa relação injusta. Este contexto deságua no surgimento e crescimento do sofrimento do inocente que sequer tem acesso ao que ele mesmo produz. Esta desumana situação é fruto de um processo histórico do desenvolvimento e expansão dos grandes países dominadores, gerando subdesenvolvimento dos países pobres e, conseqüentemente, uma relação opressora de dependência e de dominação. Uma dependência dos países dominadores que, ao mesmo tempo, vai conformando internamente os países pobres numa relação de sujeição econômica, tecnológica, política e cultural, verdadeira expressão da dominação algumas classes sociais sobre outras. É precisamente nesse contexto que se dão as injustiças sociais, segundo Gutiérrez:

Com efeito, a dinâmica da economia capitalista leva ao estabelecimento de um centro e de uma periferia, e gera simultaneamente progresso e riqueza crescente para a minoria, tensões políticas e pobreza para a maioria (GUTIÉRREZ, 1985, p.78).

As desigualdades regulam e moldam todo o cenário e drama do sofrimento do inocente. A desigualdade econômica divide sujeitos envolvidos nessa relação entre setores ricos beneficiários e setores sem o mínimo necessário para subsistência, ou seja, entre sociedades pobres e sociedades ricas. A desigualdade política divide setores poderosos opressores e setores oprimidos dominados, países dominantes e países dependentes. Por seu turno, a desigualdade cultural divide setores que têm grande participação na cultura e setores que vivem na ignorância e na exclusão. Desta forma, a identidade dos sujeitos envolvidos nessa perniciosa relação não é definida pela sua própria subjetividade, mas, ao contrário, condicionada pelos laços sociais através dos quais estão associados. Não são eles próprios que se definem, mas a desigualdade (socioeconômica, política, cultural) que os regula e conduz sua vida, configurando uma situação na qual se adverte o esfrelamento dos valores básicos que sustentam relações sociais minimamente justas e sustentáveis. Gutiérrez caracteriza essa realidade como “resultado de uma situação de dependência, em que os centros de decisão se acham fora do subcontinente: daí poder-se afirmar que os países latino-americanos são mantidos em estado neocolonial (GUTIÉRREZ, 1985, p.99).

---

<sup>1</sup> Remete-se à obra programática da “Teoria da Dependência”: CARDOSO; FALETO, 1970.

Assim, o mal da dependência consiste no resultado de ações que, em vez de manter bens e serviços humanos nos países pobres para promover o próprio desenvolvimento, remetemos ao exterior, beneficiando assim empresas e países do hemisfério norte. Trata-se de outra forma de desigualdade, que se manifesta no enriquecimento dos países ricos às custas do empobrecimento dos países pobres, dificultando ainda mais os esforços para se sair do subdesenvolvimento e alcançar a justiça e a paz. Nesta relação não só os ganhos econômicos (riqueza/pobreza) fluem desigualmente, mas também o poder: não sendo donos de seus bens e serviços. As nações latino-americanas, não podendo assegurar sua própria autonomia, encontram-se sujeitas aos interesses de nações estrangeiras e de monopólios internacionais, dando origem ao mal da dominação, seja na sua expressão econômica (recursos financeiros) ou política (ideologias).

Historicamente as sociedades latino-americanas foram inseridas em uma dinâmica de dependência das sociedades colonizadoras. O subdesenvolvimento dos países pobres nada mais é que subproduto do desenvolvimento dos grandes centros de poder econômico. Em outras palavras, é consequência de relações de dependência mantidas entre países ricos e pobres. O desnível entre os países desenvolvidos e aqueles ditos subdesenvolvidos, provocado por uma relação injusta de dependência, agravou-se de tal maneira a ponto de inviabilizar a recuperação dos povos oprimidos. Esse processo histórico e cultural de colonização resultou numa situação em que o pobre sofre-se um intruso em sua própria terra. Combater essa desigualdade significa ser considerado subversivo e, assim, sofrer perseguição dos poderes instituídos. O pobre, em última instância, experimenta-se como que exilado em sua própria terra.

## **1.2 Causas culturais, raciais e de gênero**

A pobreza, como foi dito anteriormente, não se reduz unicamente à condição econômica. Além das situações caracterizadas por privação material, experimenta-se a pobreza em termos de insignificância provocadas por condições de raça, gênero, orientação sexual, sotaque, deficiências físicas. Em suma, condição de marginalização e exclusão em uma sociedade unidimensional e opressiva que impõe determinadas normas sociais e culturais como sendo

“normais” ou “naturais”. Até mesmo a religião pode provocar situações de marginalização e exclusão. Por tudo isso, a pobreza não é uma fatalidade. É uma condição, uma injustiça imposta pelas classes e grupos que se consideram superiores e absolutistas nas definições e prescrições devivência social. Em suma, os pobres são todos aqueles cuja dignidade é violada e cujas liberdades e oportunidades de realização são injustamente cerceadas com violência. Neste sentido, tem razão Gutiérrez quando afirma que “Os pobres constituem um mundo” (GUTIÉRREZ, 1984, p.139).

Essa realidade massiva dos pobres no mundo, socialmente considerados insignificantes, atinge milhões de seres humanos, deixados ao relento na discriminação, na marginalização. Tais pobres não conseguem ter o legítimo direito de participar na condução dos rumos da sociedade à qual pertencem. Tornam-se alienados, espoliados e invisíveis, por terem seus legítimos direitos fundamentais negados. Escreve Gutiérrez:

Morte provocada [...] pelos métodos repressivos daqueles que vêm defender seus privilégios diante de qualquer tentativa de libertação dos oprimidos. Morte física à qual se ajunta uma morte cultural, uma vez que o dominador procura o aniquilamento de tudo o que possa dar unidade e força aos despossuídos deste mundo, para transformá-los em presas fáceis da maquinaria opressora (GUTIÉRREZ, 1984, p.20).

Os antropólogos afirmam que cultura é vida<sup>2</sup>. Há inúmeras formas de se desprezar ou inferiorizar uma cultura. Impor e coagir um povo a falar uma língua dominante, por exemplo, é conduzir ao perecimento de parte da cultura desse povo. A insignificância, condição à qual são relegados os pobres, constitui uma situação de injustiça e desigualdade estruturalmente injustas que, segundo Gutiérrez, “nascem do tipo de relação que muitas vezes lhes foi imposto (GUTIÉRREZ, 1985, p.28). A discriminação de grupos sociais, camponeses e indígenas exilados em sua terra, o desrespeito recorrente pela dignidade da pessoa, restrições injustas à liberdade pessoal nos campos de expressão religioso, cultural, de gênero, são realidades provocadoras de um sofrimento cotidiano do inocente, causados pelo egoísmo das sociedades

---

<sup>2</sup> Cf. WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. *Ideologia X Cultura*: Como harmonizar esses conceitos tão antagônicos? In: SOUZA, Eliana Maria de Melo; CHAQUIMI, Luciane Penteado; LIMA, Paulo Gilberto Rodrigues de (Org.). *Teoria e Prática nas Ciências Sociais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p. 13-35; MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1975, p.57; e o crítico literário BOSI, Alfredo. “Cultura como tradição”. In: *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p. 38.

dominantes. Historicamente essas classes dominantes foram semeando uma mentalidade de superioridade sobre grupos sociais que não comungavam de seus costumes e tradições. Lamentavelmente ainda perdura uma persistente mentalidade segregacionista, contrária à mensagem evangélica que reconhece e proclama a igual dignidade de todas as pessoas.

Grupos dominantes se aproveitam de concepções religiosas reféns de doutrinas totalmente alheias à concreta realidade dos pobres. Tal atitude é assim descrita por Gutiérrez como “uma visão cortada da existência humana, com aparências religiosas e espirituais, mercê de uma cuidadosa redução do Evangelho (GUTIÉRREZ, 1985, p.253). Prossegue Gutiérrez:

Nesse período, categorias e valores cristãos foram assumidos ou reinterpretados pela ideologia da ordem social vigente, reforçando-se assim a dominação de uma classe social sobre outra. Hoje, continua o apoio dos grupos dominantes, oferecido e não raro aceito, para defender a ‘civilização ocidental e cristã’” (GUTIÉRREZ, 1985, p.253).

Paradoxalmente, apesar das muitas novas possibilidades de comunicação que a sociedade globalizada proporciona, ainda persiste mentalidades segundo as quais grupos sociais, movidos por atitudes individualistas, são arrastados pelo egoísmo em vez da atitude de integração e solidariedade com pessoas e grupos excluídos. Para transformação dessa realidade complexa de pobreza é necessário um urgente e hercúleo processo de libertação integral, como sublinha Gutiérrez:

Tudo isso é possível se, juntamente com o transformar a estrutura econômica, se trabalhar com o mesmo ardor em transformar o homem. Não cremos que o homem se torne automaticamente menos egoísta, porém dizemos que, estabelecido um fundamento econômico-social de igualdade, é possível trabalhar mais seriamente pela solidariedade humana do que numa sociedade desgarrada pelas desigualdades (GUTIÉRREZ, 1985, p. 104).

As sociedades dominantes utilizam de violência e de força em suas estruturas internas, justificando-as como uma questão de segurança e proteção da ordem social e, assim, investem cruelmente contra os pobres considerados insignificantes. Gutiérrez denuncia essa realidade ao mencionar a vigência de uma “moral de dois pesos e duas medidas, que pretende ser a violência aceitável quando utilizada pelo opressor para manter a ‘ordem’” (GUTIERREZ, 1985, p. 99). Apoiados em discursos morais, religiosos, ultraconservadores, completamente distorcidos da Boa Nova evangélica, as sociedades dominantes validam essas políticas violentas e reforçam muitas discriminações, segregações, preconceitos e até mesmo o extermínio dos grupos

considerados inferiores, como lembrado acima. Desta forma, sofrem as mulheres, os indígenas, os afrodescendentes, e todos os pobres, insignificantes, vítimas de uma “necropolítica”<sup>3</sup>: conjunção de políticas de controle social e de morte que atenta frontalmente contra a dignidade dos pobres e vulneráveis.

Tais grupos dominantes dão origem a governos antípodos das concepções de justiça e dos legítimos direitos dos pobres e demais pessoas consideradas insignificantes. Os opressores, não raras vezes, estão escondidos por trás de um disfarce, como verdadeiras cópias de Jano, o deus romano de duas ou mais caras que consegue concentrar, numa mesma figura, o passado e o futuro, dando com uma mão e tomando pela outra, enganando arditamente as sociedades oprimidas. Desprezam e ignoram os princípios básicos de justiça e ética humanas, posto que voltados exclusivamente para a manutenção de um mundo de vantagens, privilégios e poder.

Nesse sentido sofrem as mulheres, “duplamente marginalizadas e oprimidas” (GUTIÉRREZ, 1984, p.20), por um machismo patriarcal e até mesmo clerical, que escraviza gêneros e raças, na sociedade e na Igreja. O indiferentismo para com as mulheres expresso na exclusão delas na tomada de decisões é fundado num complexo de opressões que se entrecruzam: raça, gênero, religião, cultura, educação, entre outros. São problemas transculturais e transreligiosos que influenciam sociedades, culturas e religiões. Revela-se desta forma, a causa da pobreza no androcentrismo e patriarcalismo da sociedade e da Igreja institucional. A pobreza imposta à mulher e aos discriminados na orientação sexual necessita ser deflagrada e combatida no sentido de se buscar novas e alternativas relações de gênero.

A esse propósito, Gutiérrez propõe o termo ortopraxis<sup>4</sup>, importância da ação na existência cristã no intuito de:

---

<sup>3</sup> Conceito criado em 2003 pelo filósofo negro e historiador camaronense Achille Mbembe, professor da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, define a “necropolítica” como política de governo que escolhem quem deve viver e quem deve morrer, em prol de um discurso de ordem. Principais obras: *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018, *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018, *Sair da Grande Noite – Ensaio sobre a África Descolonizada*. Luanda, Edições Mulemba; Mangualde, Edições Pedagogo, 2014, *Políticas da Inimizade*. São Paulo: n-1 edições, 2021.

<sup>4</sup> Reflexão teológica à luz da palavra aceita na fé, animada com intenção prática, unida a práxis histórica. Tem origem nos termos gregos “*ortho*” (reto ou correto) e “*práxis*” (prática ou ação), sendo assim um movimento criado entre a teoria e a prática. Difere da Ortodoxia que conduz objetivamente à doutrina cristã enquanto verdadeira, uma vez que a Ortopraxis indica a escolha de uma verdade concreta e histórica, dando ênfase à ação mais que o discurso.

Equilibrar, e mesmo repelir, o primado e quase exclusividade do doutrinal na vida cristã, sobretudo o empenho – muitas vezes obsessivo – de procurar uma ortodoxia que amiúdenão passa de fidelidade a tradição caduca ou a interpretação discutível (GUTIÉRREZ, 1985, p.22).

A discriminação da mulher é causada similarmente pela forma piramidal de organização da sociedade, na qual os grandes e poderosos massacram os pequenos e desprovidos. Esse modelo acaba por ser reproduzido também em estruturas familiares e de classes. Um típico exemplo dessa discriminação é a diferença de salário entre homem e mulher que executam uma mesma função, contrariando medidas afirmativas como as previstas no artigo 7º, inciso XX da Constituição Federal: “a proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos”<sup>5</sup>, e não com base em desigualdades e injustiças. Na verdade, a discriminação ocorre como um dado a partir do nascimento da pessoa (seu gênero, sua cor, sua raça), de acordo com as convenções sociais e não como um processo de formação do ser social.

Sofrem também camponeses e povos indígenas por causa do pecado da acumulação dos erradamente chamados "recursos naturais" e da possibilidade de “desenvolvimento” para alguns, à custa da morte de muitos. São as principais vítimas de um verdadeiro holocausto ecológico, pois estão mais expostos à falta de água, poluição do ar, falta de alimentos saudáveis, perda dos seus territórios, pela invasão de corporações transnacionais, empresas mineradoras, madeireiras e petrolíferas em áreas de grandes reservas naturais. Essas maiorias pobres são obrigadas “a viver como estrangeiras em suas próprias terras” (GUTIÉRREZ, 1984, p.21). O avanço vertiginoso e pujante de monoculturas, de gado, de extração ilegal de madeiras, explorações de minério sem análise de impactos ambientais e outras violências sobre as florestas, são uma verdadeira marcha para a morte, com níveis absurdamente altos de desmatamento, incêndios e expulsão de camponeses e indígenas de suas terras nativas. Os interesses políticos e econômicos continuam a pautar o destino do meio ambiente sem qualquer respeito à pessoa que nativamente habita esses locais há séculos e que sempre viveram harmonicamente com a natureza.

---

<sup>5</sup> Cf. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 2004

Gutiérrez postula a urgência de uma reflexão teológica que recolha e potencialize esforços no sentido de uma “abolição da atual situação de injustiça e da construção de uma sociedade diferente, mais livre e mais humana (GUTIÉRREZ, 1985, p.9). A luta por essa abolição é árdua, no bojo de uma realidade complexa que, historicamente vem acrescentando mais e mais capítulos com versões atualizadas de um mundo desigual e injusto. Querem nos fazer crer que não haja limites para a satisfação de desejos e interesses das elites dominadoras no tocante a questões de mercado, políticas, ganhos, privilégios e poderes sobre as vidas das pessoas pobres, reduzidas a meros dados estatísticos, números apenas, sem o menor respeito pela inalienável dignidade humana.

## **2 SOFRIMENTO DO INOCENTE: FRUTO DE SITUAÇÕES DE PECADO SOCIAL E ESTRUTURAL**

Esta situação de violência, injustiça e opressão contra os direitos fundamentais da pessoa humana é considerada, teologicamente, como situação de pecado: pecado social e estrutural. Gutiérrez chama nossa atenção para a causa última do sofrimento do inocente ao dizer que “o pecado, ruptura da amizade com Deus e com os outros é, para a Bíblia, a causa última da miséria, da injustiça, da opressão em que vivem os homens” (GUTIÉRREZ, 1985, p.43).

Em outras palavras, a situação de sofrimento do inocente tem raízes nas estruturas da sociedade capitalista que faz do pobre refém de uma atitude caracterizada pela ausência de solidariedade em face de desigualdades injustas e desumanas. Trata-se de uma situação na qual impera a afirmação do egoísmo e, portanto, a negação do amor em todas as suas dimensões.

Do ponto de vista ético, moral e religioso, estamos diante de um uso indevido da mensagem evangélica, através de uma ideologia calcada na doutrina da retribuição que muito contribuiu para o agravamento da compreensão com relação ao sofrimento do inocente. Segundo esta doutrina, Deus manifestaria sua justiça recompensando os bons e castigando os maus. Assim, o sofrimento do inocente seria visto como castigo de Deus pelas culpas e pecados deles. Os pobres sofreriam por terem pecado e, neste sentido, o sofrimento deles seria merecido. Desta forma, a doutrina da retribuição temporal justificaria o sofrimento do inocente. Não por acaso



Gutiérrez recorre a uma expressão de J. Girard segundo a qual a “violência institucionalizada” vem geralmente aliada à hipocrisia institucionalizada (GUTIÉRREZ, 1985, p.224).

Gutiérrez se contrapõe a esse esquema doutrinal ao afirmar que “trata-se de uma pobreza que não é fruto do destino ou de causas inexplicáveis. É um estado de coisas provocado pela maldade de alguns que exploram e despojam o pobre” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 68). E acrescenta, à luz da *Populorum Progressio*<sup>6</sup>: “Pecado e injustiça caracterizam esta situação infra-humana. Cumpre elevar-se gradualmente daí a um estado de coisas mais humano” (GUTIERREZ, 1987, p.149).

Para Gutiérrez, o pecado é exatamente aquilo que provoca a divisão, promovendo uma cisão na amizade com Deus e comprometendo a solidariedade entre os homens. O pecado nega a vocação humana, uma vez que fomos criados para a comunhão com Deus, entre nós humanos e com todas as criaturas. Uma situação em que povos, raças e classes são explorados e oprimidos injustamente contraria fundamentalmente esta vocação primeira e primordial. Escreve, a respeito, Gutiérrez:

Meu povo tem necessidades elementares: alimento, saúde, teto, educação. Não é possível por isso não estar atento ao que produz essa situação de pobreza e de morte no mundo de hoje. Por isso também na Teologia da Libertação o pecado tem um lugar importante. Trata-se dele desde o começo (GUTIÉRREZ, 2000, p.47-48).

Gutiérrez propõe e aprofunda a dimensão social e estrutural do pecado. Para o autor, esse pecado deve ser considerado sob a perspectiva social e histórica, excluindo-o de uma realidade meramente individual: “Trata-se do pecado como fato social, histórico, ausência de fraternidade, de amor nas relações entre os homens, ruptura da amizade com Deus e com os homens e, em consequência, cisão interior, pessoal” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 153). A noção de pecado social, presente já em Medellín<sup>7</sup> e posteriormente empregada em Puebla<sup>8</sup>, exprime as

---

<sup>6</sup> Encíclica redigida pelo Papa Paulo VI e publicada em 26 de março de 1967. A encíclica é dedicada à questão do desenvolvimento dos povos e sua situação social. Revela o agravamento da desigualdade entre países ricos e pobres,

<sup>7</sup> Por isso a conferência de Medellín qualifica o estado de coisas existente na América Latina como uma ‘situação de pecado’, como uma ‘repulsa ao Senhor’, cf. GUTIERREZ, *Teologia da Libertação*, 1985, p.153.

<sup>8</sup> “O luxo de alguns poucos se converte em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que Lhe é devida. Nessa angústia e dor, a Igreja descreve uma situação de pecado social”, cf. Puebla, n. 28, p. 299.

diversas formas de males sociais oriundos do pecado que obstaculizam o advento e crescimento do Reino, plenitude de vida.

Na verdade, o pecado social consiste fundamentalmente na atitude de indiferença face às injustiças presentes em nossas sociedades, e na ausência de solidariedade para com o sofrimento alheio, sobretudo dos pobres e vulneráveis. A este respeito, assim se exprime Gutiérrez:

Uma dessas cumplicidades – a qual aparece, hoje, mais claramente, face a um melhor conhecimento da realidade social – é encontrada sob a forma do pecado da omissão: “nos sentimos culpados com o nosso silêncio diante dos acontecimentos que agitam o país. Diante de fatos como a repressão, as detenções, a crise econômica, a expulsão de tantos empregados dos seus locais de trabalho, os assassinatos e as torturas, nos calam como se não fôramos deste mundo”. O silêncio covarde, que se dissimula com mil justificações sutis, diante dos sofrimentos dos pobres é, hoje em dia, uma falta particularmente grave para o cristão latino-americano (GUTIÉRREZ, 1984, p.110).

### 3 CONCLUSÃO

Vimos como a complexidade do fenômeno do sofrimento do inocente exige que o analisemos a partir de perspectivas mais amplas e inclusivas. Contudo, compreender o sofrimento do inocente implica, primariamente, em aproximar-se de “mundo do pobre” no intuito de sua libertação, solidarizando-se com os pobres em sua dura experiência cotidiana. Impossível dar-se conta do sofrimento inocente do pobre sem solidarizar-se com ele em sua experiência de dor e abandono. O Evangelho nos conclama a sair de nós mesmos para irmos aos pobres para poder assumir a perspectiva deles. Simone Weil, uma judia que que converteu ao cristianismo, deixou-nos legado precioso ao afirmar: “Não é apenas o amor à Deus que tem por substância a atenção. O amor ao próximo, que sabemos ser o mesmo amor, é feito da mesma substância (WEIL, 2005, p. 105). Veremos, no próximo capítulo, como a opção pelos pobres e a atitude de solidariedade decorrente constituem expressão privilegiada – autêntico sacramento – do amor gratuito e misericordioso de nosso Deus.

**CAPÍTULO II**  
**“UM ITINERÁRIO ESPIRITUAL”**  
**METODOLOGIA E ESPIRITUALIDADE**

A expressão “Igreja dos pobres” foi utilizada pela primeira vez em uma frase profética do Papa João XXIII, às vésperas do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 11 de setembro de 1962: “a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres”<sup>9</sup>. Esse desejo foi fecundamente recepcionado pela Igreja na América Latina pós-conciliar e explicitado na conhecida dicção opção pelos pobres. Veremos, inicialmente, como a motivação última da opção pelos pobres reside no reconhecimento da gratuidade do amor de Deus. Em seguida, mostraremos como a evangélica opção pelos pobres têm se revelado como atitude privilegiada para se corresponder responsabilmente à gratuidade amorosa do Deus de Jesus Cristo. E, por fim, explicitaremos que a espiritualidade constitui aquele laço que une íntima e profundamente opção pelos pobres e gratuidade do amor de Deus. Encontramo-nos, aqui, diante de uma das notas características da reflexão de Gustavo Gutiérrez expressa na confissão de que sua teologia é, no fundo, “um itinerário espiritual”, posto que “nossa metodologia é nossa espiritualidade” (GUTIÉRREZ, 1984, p. 150).

## **1 A GRATUIDADE DO AMOR DE DEUS**

Imerso na realidade de injustiça, miséria e desigualdade que assola grande parte da população do continente latino-americano e caribenho, Gutiérrez sublinha a preocupação por viver a caridade, o verdadeiro amor cristão, tendo presente a necessidade de ações concretas de um amor eficaz, de gestos objetivos e palpáveis com relação aos pobres em suas necessidades. Fruto do compromisso real com o mundo do pobre, esta atitude abre novas perspectivas para o encontro com Deus e com o próximo. De fato, nada mais gratuito do que amar o pobre, posto

---

<sup>9</sup> Discurso radiofônico do Papa João XXIII, um mês antes da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II

tratar-se de um amor sem interesse de retorno ou recompensa. Nesse sentido, Gutiérrez propõe a experiência da gratuidade do amor de Deus como um aspecto primordial e central da vida cristã.

Mergulhar no sentido último da gratuidade do amor divino e do amor concreto de comunhão com o Senhor e com todos os seres humanos, propicia o emergir da dimensão de libertação como compromisso da vivência da fé cristã. Com acuidade, Gutiérrez escreve: "uma espiritualidade da libertação deve estar impregnada de vivência de gratuidade [...] só se ama autenticamente quando há entrega gratuita, não condicionada, não coagida. Só o amor gratuito vai até a raiz de nós mesmos e faz aí brotar o verdadeiro amor" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 174).

### **1.1 Deus nos amou primeiro**

A amor de Deus alcança o ser humano de forma gratuita e primária, na origem de nossas vidas. "Fomos criados por amor e para amar" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 121). Um amor que se dá anteriormente e independentemente de qualquer possível ideia de mérito. Um amor que nos impela a amar os outros em vista de uma realização plena e autêntica como dimensão central na vida cristã. Antes ainda de existirmos Deus nos amou (cf. 1Jo 4,19) e a resposta a esta iniciativa gratuita de Deus seria amar e deixar-se amar de forma gratuita. Gutiérrez salienta que esta experiência, ao marcar profundamente a existência da pessoa humana, "é o espaço do encontro com o Senhor. Sem a compreensão do significado da gratuidade não existe dimensão contemplativa" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 122).

A gratuidade do amor de Deus é realidade primeira que irrompe na vida da pessoa humana transformando-a a partir do seu interior e dispondo-a a amar livre e gratuitamente aqueles que a rodeiam. A experiência do amor gratuito vai ao encontro do outro, sobretudo dos pobres e marginalizados, respeitando todas as suas necessidades e valores. O amor é gratuito precisamente por não impor exigências nem exigir correspondência; está interessado e preocupado apenas com a vida do próximo e não espera nada em troca. A gratuidade do amor divino implica a passagem pelo encontro pleno e verdadeiro com o próximo e, de modo especial, com o pobre e marginalizado. A experiência da gratuidade primeira do amor de Deus confere ao

ser humano a possibilidade de se chegar ao Reino através do encontro com o outro, principalmente o pobre, sofredor inocente. Assim se exprime Gutiérrez:

Não será possível separar estas duas transições, as quais, quiçá, constituem um só movimento. A experiência da gratuidade do amor de Deus – dado primeiro da fé cristã – não só está como num parêntese histórico, senão que confere ao processo humano sua total significação (GUTIÉRREZ, 1984, p. 125).

## 1.2 Gratuidade *versus* merecimento

A gratuidade do amor divino não está condicionada a quaisquer merecimentos ou eventuais virtudes dos pobres. Radica-se na bondade e liberdade do Deus da Vida, que ama preferencialmente os explorados da história humana cuja vida é persistentemente ameaçada. "Nada, nem mesmo o mundo da justiça, é capaz de aprisioná-lo" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 119). O amor de Deus é gratuito e, portanto, ultrapassa qualquer reflexão sobre merecimento ou interesse humano. Toda a obra da Criação é cunhada com o selo divino da gratuidade. Por isso a graça é dom, gratuidade de vida e de amor. Sendo gratuito, o amor de Deus não pode ser conquistado por meio de merecimento algum. Não é no contexto de obrigações exteriores e de práticas de devoção ou piedade que falaremos de Deus, pois como afirma Gutiérrez: "a justiça não tem a última palavra no falar sobre Deus. Estamos total e definitivamente diante do Deus da fé somente quando reconhecemos a gratuidade de seu amor" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 142).

Para compreender a opção divina pelos pobres será preciso abrir-se ao âmbito maior do amor gratuito de Deus. Nossos atos não regem o mundo criado por Deus e nem conseguem qualquer tipo de manobra visando uma retribuição. O amor de Deus, longe de merecimentos humanos, "não tem por motivo último as virtudes e merecimentos dos pobres, mas a bondade e liberdade de Deus, de um Deus que não é simples guardião de uma tacanha moral" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 143). Deus não se dobra a mentalidade e práticas humanas centradas em merecimentos pessoais e recompensas; não se trata de um direito que se adquire, nem de troca de favores ou de mercadoria que se compra e vende.

Gesto humano algum poderia alcançar o merecimento da graça, do amor gratuito de Deus. O amor de Deus é gratuito, e não retribuição. Para Gutiérrez, o ponto central é a gratuidade

do amor de Deus, em oposição à doutrina da retribuição temporal. O autor desmascara quaisquer exigências humanas perante Deus com a intenção de aprisioná-Lo a nossos gestos ou comportamentos. Gutiérrez ressaltava o fato de que Deus se nos dá livre e gratuitamente: "Deus é livre, seu amor é causa e não um efeito manipulável" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 120). Mais adiante acrescenta que "há contradição entre o amor livre, gratuito e criativo de Deus e a doutrina da retribuição que pretende enclausurá-lo" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 143). Isto não significa que a realização de obras de justiça não seja uma exigência cristã. O cristão não está isento de lutar contra as injustiças e praticar o bem. Apenas deve situar a plenitude dessas obras dentro do complexo dimensional da iniciativa livre e gratuita do amor de Deus. Deve se afastar da tentação de procurar enclausurar o amor gratuito de Deus dentro de uma visão humana de justiça obtusa e limitada. A gratuidade do amor divino independe de nossos méritos, não somos amados pelo fato de sermos moralmente bons. Somos amados gratuitamente porque existimos como pessoas humanas e, enquanto tais, somos filhos e filhas de Deus. Deus não se sujeita à dinâmica estrutural de recompensa por merecimento. O amor de Deus não se deixa encarcerar, ao contrário, é oferecido a todos gratuitamente, "sem pagar qualquer tipo de tarifas, sem obrigações exteriores que pressionem a corresponder ao outro" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 142).

É o que nos ensina a Bíblia ao transmitir que a justiça original e autêntica é permeada de amor e não baseada em méritos e recompensas. Como exorta Paulo: "É por graça que foram salvos" (cf. Ef 2,5). Consciência que já se fazia presente nos textos legislativos do Antigo Testamento e segundo a qual a eleição do povo se dá por pura gratuidade e não por merecimento (cf. Dt 7,6-8 entre outros).

O amor gratuito de Deus é a fonte da gratuidade do amor para com o próximo, sobretudo para com pobres, que são os que mais sofrem. A gratuidade do amor é radicalmente oposta à indiferença para com o sofrimento do pobre, do marginalizado, do excluído, do insignificante. Isso exige uma resposta cristã plasmada nos Evangelhos: "Recebestes de graça, de graça dai!" (Mt 10,8).

### 1.3 Gratuidade e compromisso com a justiça

A gratuidade do amor, manifestada em gestos de misericórdia e solidariedade para com o próximo, não se limita à preocupação com boas ações. Situa-se, sobretudo, no compromisso contra as desigualdades e o sofrimento do inocente. A gratuidade e universalidade do amor desinteressado manifestam-se através do compromisso com a justiça, especialmente em favor dos pobres. Isso leva-nos a refletir sobre a gratuidade e o compromisso com a justiça.

Por se tratar de algo primordial na convivência social, o tema da justiça se encontra entranhado na tradição judeu-cristã presente nos textos da sagrada Escritura. Nos evangelhos, a justiça aparece de mãos dadas com o anúncio do Reino de Deus, cerne da pregação de Jesus: "Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo" (Mt 6,33). A justiça de Deus reiteradamente entra em rota de colisão com mentalidades e práticas humanas.

Vimos como, segundo Gutiérrez, a inserção da reflexão teológica em contexto histórico exige a concretização de compromissos contra as injustiças que provocam o sofrimento de pobres e inocentes. Nesse intuito, é fundamental indagar acerca das causas da pobreza e injustiças sociais que vitimizam pobres e vulneráveis. Trata-se de um caminho privilegiado para o encontro com o mistério de Deus, apesar de sabermos que Deus se nos dá por força de sua própria iniciativa, a partir da gratuidade de seu amor. Isso é fundamental para que possamos compreender o sentido profundo da opção preferencial pelos pobres, pois como afirma Gutiérrez: "a justiça sozinha não tem a última palavra no falar de Deus. Estamos total e definitivamente diante do Deus da fé somente quando reconhecemos a gratuidade de seu amor" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 142). Ao acolher o amor de Deus como dom gratuitamente oferecido, o ser humano se sente interpelado a amar o outro de maneira também desinteressada e gratuita, e a manifestá-lo por meio de atitudes e práticas concretas. Comprometer-se e engajar-se no combate às injustiças que vitimizam o pobre constitui expressão privilegiada desse amor gratuito.

A tal propósito, Gutiérrez salienta que "a graça não se opõe nem desmerece a busca da justiça. Pelo contrário, dá-lhe pleno sentido. O amor de Deus, como todo amor, não se move num universo de causas e efeitos, mas no mundo da liberdade e da gratuidade" (GUTIÉRREZ,

1987, p. 142). A gratuidade do amor não é adversária e nem compete com a justiça pois ambas comungam e se encontram em esforços na busca de um mundo melhor, mais humano, liberto das opressões e desigualdades.

Sendo assim, a gratuidade se torna a raiz mais profunda da luta contra as injustiças, das tarefas históricas de libertação. É necessária a atuação humana exigente aliada à gratuidade do amor de Deus. A gratuidade nasce do amor divino e vai além da dimensão da justiça, levando-nos a caminhar rumo ao compromisso com o próximo: "amar gratuitamente alguém não é só amar o que é, mas também o que é capaz de ser, é confiar nele. Creio que a perspectiva da gratuidade dá seu pleno sentido à exigência da justiça (GUTIÉRREZ, 2000, p. 72).

Por estar intimamente vinculada ao amor preferencial de Deus pelos pobres e marginalizados, a luta contra as injustiças, portanto, não compromete a realidade da gratuidade do amor de Deus. Ao contrário, a busca da justiça caminha essencialmente unida à gratuidade do amor pois se a gratuidade é um dom, a busca da justiça é a manifestação histórica desse dom. Uma busca da justiça com alvo na libertação do pobre deve ser eficaz e combater as causas das desigualdades, da opressão, do pecado. Se assim não for, significará apenas uma futilidade histórica, uma atividade inócua, uma ação inútil, dissociada do amor gratuito de Deus.

A experiência do amor gratuito de Deus não suprime a luta histórica contra as desigualdades. Pelo contrário, ilumina e injeta coragem e ânimo para o enfrentamento. Desta forma, quando o ser humano é penetrado e possuído pelo amor gratuito de Deus, toma consciência de que Deus veio ao seu encontro e, assim, insere-se e se compromete com a história, visando a libertação do pobre. A esse respeito, escreve Gutiérrez:

O Magnificat poderia exprimir muito bem essa espiritualidade da libertação. Texto de ação de graças pelos dons do Senhor, exprime humildemente a alegria de se saber amado por ele [...] mas ao mesmo tempo é um dos textos de maior conteúdo libertador do Novo Testamento. Essa ação de graças e essa alegria estão estreitamente ligadas à ação de Deus libertando os oprimidos e humilhando os poderosos [...] o futuro da história está na linha do pobre e do espoliado. A libertação autêntica será obra do próprio oprimido; nele o Senhor salva a história (GUTIÉRREZ, 1985, p. 176).

Desta forma, o compromisso em favor da justiça transforma-se em um elemento característico da libertação, fruto da opção preferencial pelos pobres. No decorrer da vida cristã,



justiça e gratuidade andam juntas, não se contrapondo, mas se complementando. Para Gutiérrez, "a própria construção de uma sociedade justa requer um impulso e um clima que só a gratuidade pode dar" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 155). O cristão deve pautar a vida no anúncio e proclamação do Reino de amor gratuito e justo, transformando a história de opressão, pecado e morte. Deve nutrir seu caminho de vida, com permanente esforço de libertação do pobre, pois a história humana é, sobretudo, o espaço da manifestação livre e da presença do amor gratuito de Deus.

#### **1.4 Gratuidade no encontro com o pobre**

A opção preferencial pelos pobres nos impele ao encontro do mundo do sofrimento do inocente, através do qual aprendemos o verdadeiro amor cristão, que, por um lado é gratuito e, por outro, busca uma eficácia na dimensão histórica. Gratuito porque é pautado na liberdade e no amor ilimitados. Busca a eficácia porque almeja resultados à luz do conhecimento causal da realidade. O reconhecimento deste vínculo primordial impõe obrigações na luta contra as injustiças e oferece o deleite da gratuidade do amor de Deus “que ama os pobres não porque eles sejam melhores, mas porque Deus é gratuito” (GUTIERREZ, 1998, p. 111). Por conseguinte, esse privilégio da preferência divina pelos pobres reside na dimensão de gratuidade e universalidade do amor de Deus. Preferência e gratuidade que caminham juntas por se caracterizarem por vida de contemplação divina e solidariedade com os oprimidos e injustiçados.

Nesse sentido, Gutiérrez busca uma linguagem para falar de Deus dentro de um contexto de equilíbrio tenso entre graça e busca da justiça, a partir de uma inserção radical no mundo do pobre: “Sair do próprio mundo e ingressar no mundo dos pobres implica em já tomar o caminho da gratuidade e não só o da preocupação com a justiça” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 151). Por isso crer na gratuidade do amor de Deus conduz diretamente à opção preferencial pelos pobres e motiva ações concretas de solidariedade com o sofrimento do inocente. Ir ao encontro do pobre é ir ao encontro de Deus e, conseqüentemente, ao encontro de nós mesmos. Nesse contexto, a gratuidade emerge como requisito essencial desse inteiro processo:

Creio que sem gratuidade não há autêntico encontro entre os seres humanos. Em toda experiência de amor há uma exigência de gratuidade. Ninguém fica satisfeito por ser amado por suas qualidades ou merecimentos. Há uma busca de algo mais profundo. O encontro com Deus é também um encontro com nós mesmos. Não há modo de separar esses dois aspectos para os que creem em um Deus feito homem (GUTIÉRREZ, 2000, p. 72).

Para Gutiérrez, Deus está em íntima relação com a história. O encontro com o próximo permite alcançar Deus em seu amor gratuito do qual brota a comunhão dos seres humanos entre si e com Deus. Gratuidade recebida como dom e plenificada no encontro com o pobre. "Ambos os movimentos se exigem dialeticamente e convergem numa síntese. Esta se dá em Cristo, no Deus-homem encontramos Deus e o homem. Em Cristo dá o homem numa face humana a Deus e Deus dá uma face divina ao homem" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 175). O Deus que vem ao nosso encontro na gratuidade do amor é o mesmo que torna possível o encontro conosco mesmos e impulsiona a sairmos ao encontro dos outros. Isso faz com que busquemos amar e deixar-nos ser amados gratuita e livremente.

Da experiência do amor gratuito de Deus brota no coração do ser humano o desejo de ir ao encontro do pobre, do excluído, acolhendo-o e reconhecendo-o como sujeito de sua própria libertação. Por isso o encontro verdadeiro e pleno com o pobre, brota da experiência de gratuidade do amor de Deus. Para amar o pobre é imprescindível que, antes, se faça a experiência de Deus que nos amou primeiro. Sem verdadeiro encontro com o pobre não será possível um verdadeiro encontro com Deus.

O caminho ao encontro dos oprimidos tem sua origem e sustento na experiência de encontro com o Senhor. Para tanto, é imprescindível desnudar-se de todo egoísmo, de toda vontade própria e render-se às necessidades do pobre, respeitando seus valores e solidarizando-se com seu sofrimento. Esse encontro somente torna-se verdadeiro quando há a experiência do amor gratuito de Deus na pessoa humana, pois, se o pobre é o caminho para se alcançar Deus, então a gratuidade do amor divino condição para esse encontro pleno e vivificante.

A gratuidade como encontro com o pobre conduz à libertação que Deus destina a todas as pessoas com atenção preferencial aos pobres "independentemente de sua situação pessoal e moral ou pessoal em que se encontrem" (*DP*, n. 1142, p. 548), pois "Deus toma a sua defesa e os ama" (*DP*, n. 1142, p. 548). Gutiérrez destaca a riqueza dessa atitude ao afirmar que

"esse encontro com Deus nos gestos concretos para com os outros, em particular os pobres, é tão profundo e rico que, partindo dele, farão os profetas crítica, sempre válida, à todo culto puramente exterior" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 163). Ir ao encontro do pobre, inserindo-se em seu contexto histórico e social, tem fundamentos na própria gratuidade do amor de Deus, sentido último da opção preferencial pelos pobres.

## **2 A OPÇÃO PELOS POBRES**

Expressão privilegiada da experiência de gratuidade do amor de Deus, a opção pelos pobres se caracteriza, fundamentalmente, enquanto opção: teocêntrica, profética e solidária.

### **2.1 Uma opção teocêntrica**

Deus é o libertador de todos os seres humanos. Partindo deste princípio, há uma urgência, uma prioridade, uma preferência por aqueles que mais sofrem, os explorados, os injustiçados, os excluídos, os pobres. O Criador tem uma opção preferencial pelo pobre e, segundo Gutiérrez, “o pobre é amado de preferência não porque seja necessariamente melhor do ponto de vista moral ou religioso que outras pessoas, mas por ser pobre, por viver numa situação desumana, contrária à vontade de Deus” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 153).

A opção preferencial pelos pobres subjaz ao compromisso cristão e aponta para a necessidade primordial da Igreja: ser missionária junto a esses destinatários prioritários. Esta opção se fundamenta cristologicamente, pois a causa dos pobres é a “própria causa de Jesus Cristo” (DPn. 3, p. 286), que se fez sinal de esperança para os sofredores inocentes. Dessa forma, deve-se entender a opção pelos pobres como uma opção mediada em Cristo e por Ele e, ao fim e ao cabo, teocêntrica. Ser cristão é ter coragem e fé para optar radicalmente por aquele que viveu a favor dos pobres e se fez pobre entre os pobres. É o núcleo da experiência de fé judaico-cristã do Deus dos pobres e dos oprimidos.

É opção evangélica, anterior a qualquer razão sócio-política, como sublinha Gutiérrez: “É a fé e o seguimento a Jesus que radicaliza a opção preferencial pelos pobres, opção que conduz eficazmente a um comprometimento sócio-político” (GUTIÉRREZ, 1988, p. 88).

Mais que uma opção é uma exigência evangélica destacada por São João Paulo II na Encíclica social *Sollicitudo Rei Socialis*<sup>10</sup> e na Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte*<sup>11</sup>. Gutiérrez salienta que a opção pelos pobres “não é um chamado para uma ação que a alivie, e sim uma exigência de construção de uma diferente ordem social” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 256).

Optar preferencialmente pelo pobre faz parte da essência da fé cristã, posto que nasceda nossa fé em Jesus Cristo e, portanto, encontra-se “implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (*Dap*, 2007, p. 273), isto é, fundamentada no agir do próprio Jesus ao mostrar na sinagoga de Nazaré que veio para “evangelizar os pobres” (Lc 4,18-19). A forma como esta fé tem sido vivida no contexto das estruturas sociais de dominação, opressão e dependência predominantes exige esforços hercúleos de reflexão para aprofundamento e vivência de uma teologia libertadora da qual:

O mundo é transformado: abrindo-se – no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria dos homens, no amor que liberta, na construção de nova sociedade, justa e fraterna – ao dom do reino de Deus” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 27).

As relações desumanas e anti-evangélicas vigentes no continente latino-americano, segundo *Medellín* e *Puebla*, ao produzirem injustiça e morte, levam à consciência de que a pobreza é fundamentalmente de caráter socioeconômico, ainda que não se restrinja a esta dimensão. Assim sendo, a pobreza se converte em desafio para a vivência da fé e a proclamação do Evangelho, vindo a se transformar em uma questão teológica. A tal propósito, escreve Gutiérrez: “urge encontrar pistas de resposta teológica aos problemas suscitados a partir de uma vida cristã que optou pelos oprimidos e contra os opressores” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 115). A opção preferencial pelos pobres provoca uma nova reflexão teológica. E a teologia, iluminada pela opção preferencial pelos pobres, elabora um novo tipo de reflexão: ao questionar o modo

---

<sup>10</sup> “o amor preferencial pelos pobres não pode deixar de abranger as imensas multidões de famintos, mendigos, sem teto, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor. Não se pode deixar de levar em conta a existência desta realidade. Ignorá-la significaria tornar-nos como o ‘rico epulão’ que fingia não conhecer o pobre Lázaro, que estava prostrado ao seu portão (cf. Lc 16,19-31)” João Paulo II, *Sollicitudo Rei Socialis*, 42.

<sup>11</sup>É certo que ninguém pode ser excluído do nosso amor, uma vez que, « pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem »; mas, segundo as palavras inequívocas do Evangelho que acabámos de referir, há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles. João Paulo II, *Novo Millenio Ineunte*, 49.

como os cristãos vivem e pensam sua fé, suscita o compromisso deles para com o processo de libertação. Assim, o sofrimento dos pobres desafia esta teologia e a Igreja a buscar respostas que brotem da experiência de fé. Nessa procura, encontram a própria pessoa de Jesus de Nazaré, que denunciava as injustiças contra o pobre e tinha compaixão de todos os que padeciam fome e miséria.

O discurso sobre a fé deve estar centrado no reconhecimento de sua relação com a história humana em constante interpelação no tocante às causas da pobreza. Por esta razão, a assunção da opção preferencial pelos pobres tornou possível uma nova forma de fazer teologia: uma teologia que acolhe os desafios históricos, interpretando-os na perspectiva dos pobres. Para Gutiérrez a opção pelos pobres suscita diretrizes para a leitura crítica da práxis histórica para um futuro de libertação:

Refletir a partir da práxis histórica é refletir à luz do futuro em que se crê e se espera, é refletir com vistas a uma ação transformadora do presente. É fazê-lo, porém, não a partir de um gabinete, mas deitando raízes lá onde lateja neste momento o pulso da história, e iluminando-o com a Palavra do Senhor da história que se comprometeu irreversivelmente com o hoje do devir da humanidade para levá-lo à sua plena realização (GUTIÉRREZ, 1985, p. 27).

O que se depreende desse processo é uma necessidade premente de compreensão dessa abordagem teológica específica. É nesse lugar social (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 69)<sup>12</sup> da teologia que se encontra a opção preferencial pelos pobres. Trata-se então de processo de reflexão teológica dentro de um contexto multidimensional e integral e supõe uma atenção especial aos textos que derivam do Vaticano II e das Conferências Episcopais latino-americanas e do Caribe.

A teologia e a Igreja mudam o seu significado numa teologia contextualizada, a partir da definição do Vaticano II, no qual a Igreja já não é uma instituição que administra a salvação, mas “sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (*Lumen gentium*, 1. Desta forma, o pobre torna-se o sujeito ativo da ação libertadora da práxis histórica da libertação. Nasce o poder histórico dos pobres, que, ao participarem como sujeitos no

---

<sup>12</sup> “o lugar social da teologia está determinado pelo lugar social da revelação e fé que, de acordo com a Sagrada Escritura, não é outro senão os pobres e oprimidos e seus processos de libertação; e que esse lugar social dos pobres e oprimidos não compromete a universalidade da salvação, mas apenas determina o ‘a partir de onde’ (pobres e oprimidos) e o ‘como’ (processos de libertação) de sua realização histórica: é para todos (universalidade), mas se realiza a partir dos pobres e oprimidos e seus processos de libertação (parcialidade)”.

processo da história, são ao mesmo tempo sujeitos e atores de um processo de libertação. É nesse sentido que Gutiérrez ressalta que essa libertação, para que seja autêntica e plena, “deverá ser assumida pelo próprio povo, e para isso deverá partir dos próprios valores desse povo” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 88). Nesse sentido a teologia deve “aproximar-se da vida concreta das pessoas, propor-se perguntas e abrir-se assim a uma melhor compreensão de Deus e de sua palavra” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 59).

Um exemplo que ilustra bem o processo de recepção do Vaticano II já surge no chamado Pacto das Catacumbas, que foi celebrado em Roma, em 16 de novembro de 1965, no final do Concílio. Naquela ocasião, um grupo de bispos comprometeu-se a viver o modelo de uma Igreja servidora e pobre, procurando: “transformar as obras de ‘beneficência’ em obras sociais baseadas na caridade e na justiça” (BEOZZO, 2015, p. 41). O Pacto das Catacumbas inspirou fortemente as Conferências Episcopais de Medellín e Puebla no seu compromisso em favor da justiça e na opção preferencial pelos pobres e por sua libertação.

O caminho proposto foi uma nova postura eclesial no sentido de assumir verdadeiramente a luta contra as causas estruturais da pobreza do inocente, bem como realizar ações concretas para a libertação da miséria dos pobres. Esta nova percepção da realidade é evidenciada por Gutiérrez ao destacar a inquietude da Igreja latino-americana onde:

Sacerdotes e religiosos, em proporção cada vez maior, procuram participar mais ativamente nas decisões pastorais da Igreja. Pretendem, porém, sobretudo que esta rompa suas ligações com uma ordem injusta e que, na renovada fidelidade ao Senhor que a convoca e ao evangelho que ela prega, comprometa sua sorte com a daqueles que sofrem miséria e saque (GUTIÉRREZ, 1985, p.93).

Em resposta ao Concílio Vaticano II, a Conferência dos bispos latino-americanos de 1968, em Medellín, Colômbia, foi a origem e o berço da opção pelos pobres, ao afirmar de maneira contundente quanto segue: “Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte”<sup>13</sup>. O pobre oprimido, o inocente injustiçado e sofrido clama por libertação. No seu imerecido padecer, percebe no íntimo

---

<sup>13</sup> Documentos do CELAM. Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Paulus: São Paulo, 2005, p.200, n. 14,2).

que Deus o ama e que é legítimo o seu clamor por justiça e igualdade social. Mais adiante Medellín afirma que se deve privilegiar os “setores mais pobres e necessitados”<sup>14</sup>.

Uma teologia compromissada com os pobres surge a partir da experiência de sofrimento do inocente, das injustiças e da opressão das maiorias. É necessário “viver de perto os sofrimentos do pobre e de toda pessoa enferma e abandonada” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 55) para se produzir uma teologia. Somente a partir desta experiência solidária com o sofrimento do inocente, calcada na urgência da opção preferencial pelos pobres, torna-se possível uma inteligência da fé que, através de uma práxis libertadora, possa inspirar uma sociedade diferente, caracterizada pelos valores da justiça e da igualdade.

## 2.2 Uma opção profética

A Conferência de Puebla reafirma a Conferência de Medellín, pois “fez clara e profética opção preferencial pelos pobres” (*Med.* n. 1134) além de destacar: “Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para a opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (*Med.* n. 1134). Tal afirmação é justificada mais adiante, ao dizer que “esta opção é exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina”, e conclamar a Igreja à missão de “levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre” (*Med.* n. 1154).

Percebe-se que esta opção é qualificada claramente como “profética”, posto que se propõe ser o anúncio da palavra de Deus a partir da realidade dos pobres. Gutiérrez destaca a importância desse significado profético, ao sustentar que “a linguagem profética permite aproximar-se de Deus que ama com predileção o pobre, precisamente porque seu amor não se deixa encerrar nas categorias da justiça humana” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 152). Trata-se de uma reflexão teológica que, à luz da opção pelos pobres, torna-se profética. Nesta perspectiva, a profética opção pelos pobres ressaltada em Puebla exige a práxis libertadora que alimenta e

---

<sup>14</sup> Ibid, n. 14.9, p. 203: “O mandato particular do Senhor, que prevê a evangelização dos pobres, deve levar-nos a uma distribuição tal de esforços e de pessoal apostólico, que deve visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados e os povos segregados por uma causa ou outra, estimulando e acelerando iniciativas e estudos que com esse fim se realizem”.

conduz ao cumprimento da função profética da teologia, como Gutiérrez bem sustenta: “a teologia considerada deste modo, ou seja, em sua ligação com a práxis, cumpre função profética, enquanto faz uma leitura dos acontecimentos históricos com a intenção de lhes descobrir e proclamar o sentido profundo” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 25).

A Conferência de Aparecida insistiu explicitamente no contexto pastoral e teológico aberto pelo Concílio Vaticano II e fez da opção preferencial pelos pobres um dos eixos centrais das suas conclusões (*Dap* nn. 100(b), 128, 146, 179, todo o item 8.3, 399, 409, 446(e), 491 e 501). Aparecida ressalta que “a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (*Dap*, n. 391). Logo no discurso de abertura da Conferência, o papa Bento XVI sublinhou que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9)”. A Conferência de Aparecida prossegue afirmando que esta opção preferencial pelos pobres não é “exclusiva” e nem “excludente”<sup>15</sup>. A humanidade sofredora dos pobres deve ser considerada em primeiro lugar. A partir de então, a expressão “opção preferencial pelos pobres” converteu-se num patrimônio de toda a Igreja, assumida cada vez mais por outras Igrejas particulares e também pelo magistério pontifício.

O Papa Francisco também denuncia essa situação de injustiça e desigualdade e faz um apelo: “à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres [...] que exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé” (FRANCISCO, 2015, p. 97).

A opção preferencial pelos pobres é certamente uma das contribuições mais relevantes da Igreja Latino-Americana ao conjunto da igreja universal. Atualmente podemos afirmar que a opção preferencial pelos pobres é intrinsecamente constitutiva do ensinamento magisterial da Igreja: “A esse propósito deve ser reafirmada, [...], a opção preferencial pelos pobres. Trata-se de uma opção, ou de uma forma especial de primado na prática da caridade

---

<sup>15</sup> “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza. Essa opção nasce da nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão” (cf. H 2, 11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente”. Santo Domingo igualmente menciona a expressão, falando de uma “opção evangélica e preferencial, não exclusiva nem excludente”.



cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja”<sup>16</sup>. E mais ainda: “o amor preferencial pelos pobres representa uma opção fundamental da Igreja, e ela o propõe a todos os homens de boa vontade”. Mais adiante afirma: “A luta contra a pobreza encontra uma forte motivação na opção, ou amor preferencial, da Igreja pelos pobres”.

Marca registrada da caminhada eclesial na América Latina, a opção preferencial pelos pobres constitui uma das pérolas preciosas da recepção do Concílio Vaticano II nesta região. É nesse sentido que Gutiérrez recorda que:

“A relevância do pobre para o Reino de Deus e, por isso mesmo, para o anúncio do Evangelho, é o nervo da mudança que a Igreja latino-americana experimenta”; “esta ótica levou a comunidade cristã latino-americana a retomar a intuição de João XXIII sobre a Igreja dos pobres e a ler a partir daí os grandes temas conciliares para examinar seu alcance para o nosso continente” (GUTIÉRREZ, 1986, p. 48s).

Viver e pensar a fé cristã é, portanto, algo que não pode ser realizado fora da consciência desta situação de injustiça, desigualdade e marginalização. É necessário entender profundamente esse sofrimento. E esse entendimento exige um conhecimento profundo da situação do sofrimento do inocente, suas angústias e seus clamores, pois segundo Gutiérrez: “a justiça e o direito não podem ser promovidos abstratamente, mas em relação com a situação desumana que vivem os órfãos, as viúvas, os estrangeiros, trilogia clássica na Bíblia para nomear os pobres” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 77).

### **2.3 Uma Opção solidária**

A opção preferencial pelos pobres insere o Reino de Deus no centro da evangelização ao propor a solidariedade com o pobre, sobretudo, com sua condição de sofrimento inocente. Solidariedade que conduz à experiência antecipada do Reino, sobretudo no encontro com os seres humanos em situação de opressão, espoliação e injustiça. Nesse encontro com os pobres experimenta-se o encontro com o Senhor: “Encontramos o Senhor em nossos encontros com os homens, particularmente os mais pobres, marginalizados e explorados por outros homens.

---

<sup>16</sup>A este propósito, remete-se a quanto escrito em: Pontifício Conselho de Justiça e Paz. Compêndio Da Doutrina Social Da Igreja, n. 182, p. 69.

Um gesto de amor para com eles é um gesto para Deus” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 170). Uma solidariedade verdadeira e concreta que suscita um real encontro com Deus, a partir do encontro com os pobres, que não têm “graça nem beleza” e são “escória da humanidade” (Is 53,2-3).

Para percorrer esse caminho da opção preferencial pelos pobres é fundamental entrar no mundo do outro, do próximo, do pobre. “É o que se dá com a ‘opção pelo pobre’, porque o pobre é para o Evangelho o próximo por excelência” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 256). Esta busca pelo pobre é uma exigência em nossas vidas, uma vez que somos responsáveis de tê-lo transformado em subproduto do sistema em que vivemos. Não significa isolar o pobre e tratar sua condição como uma fatalidade, um destino. A esse propósito, Gutiérrez sustenta que “a pobreza do pobre não é um chamado para uma ação generosa que a alivie, e sim uma exigência de construção de uma diferente ordem social” (GUTIÉRREZ, 1985, 256). A construção dessa diferente ordem social penetra o tecido da opção preferencial pelos pobres na incessante procura de uma profunda solidariedade com os que sofrem situações de miséria, injustiça e desigualdades. “Optar pelo pobre é entrar no mundo da classe social explorada, de seus valores, de suas categorias culturais. É fazer-se solidário com seus interesses e com suas lutas” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 256). A opção preferencial pelos pobres exige, portanto, uma pastoral concreta expressa no encontro e na solidariedade com o pobre.

A solidariedade com o pobre pressupõe uma verdadeira conversão evangélica. É preciso romper com processos mentais, saindo de si e solidarizando-se com sofrimento do inocente. Ir ao encontro do pobre, do oprimido, do injustiçado, “rompendo com tudo que impede um real encontro com Cristo no homem marginalizado e oprimido” (GUTIÉRREZ, 1985, 257). Isso implica romper com todos os modelos opressores atuais mediante um compromisso sólido a favor de uma nova sociedade mais justa, solidária e portadora de uma mensagem de amor.

A conversão exige sair do próprio caminho para comungar com o outro, no caso o pobre, em seu caminho. Trata-se de uma exigência primordial para a aceitação do Reino e o seguimento de Jesus e que transforma a vida do cristão tornando-o um ser humano mais solidário, fraterno e amoroso. Além do mais, a conversão só será possível a partir da gratuidade do amor de Deus que é que nos conduz ao encontro com o próximo, sobretudo os mais sofridos e espoliados.

O compromisso de solidariedade com os pobres pode ser também expresso mediante o testemunho cristão de pobreza voluntária que se traduz em ato concreto de amor ao pobre e se reveste de uma “autêntica imitação de Cristo que assume a condição pecadora do homem para libertá-lo do pecado e de todas as suas consequências” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 247). Trata-se de uma expressão de amor na luta contra as causas do sofrimento, da pobreza e da opressão do inocente. A opção preferencial pelo pobre revela, portanto, um sentido profundo de solidariedade e libertação.

A solidariedade através da pobreza voluntária contribui sensivelmente para que se construa uma consciência de sua situação de opressão e se procurem caminhos de libertação. Essa conscientização, em última instância, provoca a participação ativa do oprimido no processo de libertação, no sentido sublinhado por Gutiérrez segundo o qual os pobres devem ser protagonistas nesse processo: “aos pobres é que toca o papel de protagonista em sua própria libertação: ‘primeiro aos povos pobres e aos pobres do povo é que compete realizar sua própria promoção’” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 105). O produto final desta solidariedade será a práxis da libertação que, partindo da opção preferencial pelo pobre é uma práxis de amor, enraíza-se no amor livre e gratuito de Deus.

Desta forma, o compromisso de solidariedade com o pobre motiva e provoca o fenômeno da conscientização, chamada por Gutiérrez de “irrupção do pobre” na sociedade, “eixo de uma nova espiritualidade [...] caminho que nos conduz ao Deus de Jesus Cristo. É uma irrupção de Deus em nossas vidas, pois é com os pobres que se identifica o Senhor” (GUTIÉRREZ, 1984, p. 41).

Conhecer o sofrimento do inocente implica em aproximar-se do pobre, entrar em seu mundo, solidarizar-se com sua realidade desumana, cruel e impiedosa. Esse encontro com o pobre, além de facilitar o reconhecimento da pobreza como um produto e efeito de estruturas históricas de injustiça, exclusão, exploração, possibilita uma releitura crítica do conceito de solidariedade cristã. Ademais, abre caminho para além dos critérios assistencialistas de caridade e alívio do sofrimento material (que é importante e não pode ser negligenciado) através de uma nova forma de viver o Evangelho no compromisso e na solidariedade para com os pobres. Em

outras palavras, deve-se vincular a solidariedade com os direitos do pobre com foco na luta para sua libertação permanente.

Gutiérrez destaca que, a partir da solidariedade com o povo sofrido inocente, somos contagiados por uma paradoxal esperança, que brota de algo novo em seus corações e que promove a alegria: “é a tristeza que se opõe à alegria e não o sofrimento” (GUTIERREZ, 1984, p.127). É a libertação que brota no fundo do coração para amar e entrar em comunhão com Deus e com o mundo do pobre. “Mundo de quem é, precisamente, o predileto do Deus do Reino” (GUTIÉRREZ, 1984, p. 141). O compromisso de solidariedade manifestado através da opção preferencial pelos pobres é, conseqüentemente, uma opção pelo próprio Deus cuja imagem encontra-se retratada no rosto desfigurado de tantos inocentes que sofrem.

### **3 SEGUIR JESUS CRISTO É VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO**

A experiência de sofrimento do inocente, com suas esperanças e alegrias, constitui um terreno fértil para o seguimento de Jesus Cristo, uma nova espiritualidade e, portanto, uma nova maneira de fazer teologia. Além disso, permite também uma experiência religiosa mais livre, mais aberta e, sobretudo, mais comprometida com o evangelho, que nos conduz a viver segundo o Espírito. Por isso, Gutiérrez afirma que "toda autêntica teologia é uma teologia espiritual" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 50). Segundo o autor, a espiritualidade é o "domínio do Espírito" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 172), uma forma concreta da vivência do evangelho iluminada e orientada pelo Espírito. E a reflexão sobre a vida espiritual "constituirá a teologia espiritual" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 83). Espiritualidade é o caminho da liberdade do cristão porque é o domínio do Espírito que liberta de toda prisão, de toda opressão.

#### **3.1 Espiritualidade e caminho de fidelidade à Deus**

A espiritualidade é então vivenciada "em solidariedade com todos os homens, 'com o Senhor' e diante dos homens" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 172). Daí o fato de a espiritualidade

constituir um acesso fundamental ao seguimento de Jesus e também à reflexão teológica. O primeiro aspecto que dessa espiritualidade emerge é o estabelecimento de um método que parte do contexto da vida real para iluminá-lo à luz da Palavra e abrir caminhos concretos de libertação.

Gutiérrez apresenta a experiência histórica do Espírito que brota na América Latina como uma expressão profunda da revelação da presença de Deus neste continente de morte prematura e injusta. Iluminado e orientado pelo Espírito, o povo sofrido trilha um caminho espiritual de transformação do caos em vida. A história de pobreza não representa um mero suceder de fatos e acontecimentos. Assim como, no princípio, o espírito que "pairava sobre as águas" (Gn 1,2) transformou o caos primordial em vida, cria-se, a partir daquele acontecimento, um referencial histórico para a ação divina em situações de tribulação e sofrimento, sobretudo em se tratando do sofrimento do inocente, pois "lá onde a opressão e libertação do homem parecem esquecer a Deus [...] deve brotar a fé e a esperança naquele que vem arrancar pela raiz a injustiça e trazer, de formar irreversível, a libertação total" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 173).

Deus quer a vida para todos e, através da conscientização e luta contra a opressão, os pobres seguem afirmando esse seu direito fundamental à vida, vivendo sua experiência espiritual de fé, proclamando sua esperança por meio de "uma nova maneira de ser cristão, de uma nova espiritualidade" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 40). No povo pobre surge uma nova espiritualidade a partir de uma consciência crítica de que não é vontade de Deus que haja ricos e pobres. A espiritualidade inspira a consciência de que existem situações de injustiça, de desigualdade, nascidas da ganância de poucos. Nesse caminho de fidelidade a Deus, o povo pobre vai paulatinamente esculpindo uma espiritualidade nova, particular, que lhe dá ânimo e força para buscar sua libertação da opressão. A espiritualidade caminha em comunhão solidária com o projeto histórico dos pobres, os autênticos construtores da nova sociedade, em busca constante justiça com um coração cheio de esperança.

### **3.2 Espiritualidade e movimento histórico**

Os movimentos históricos dos pobres, inspirados no evangelho, que se opõem a situações de opressão e miséria, tornam-se, pouco a pouco, artífices de uma nova espiritualidade, expressão de uma nova forma de viver a fé cristã. Assim, essa espiritualidade mendicante proposta por Gustavo Gutiérrez brota da experiência histórica do mundo de pobreza e miséria e do compromisso firme com o processo de libertação, manifestada pelos movimentos históricos dos pobres em reação social e evangélica contra a riqueza, o poder e a opressão. Justamente no centro dessas "lutas, semeadas de incertezas, o povo crente e oprimido torna-se, com intensidade crescente, agente de uma nova maneira de ser cristão, de uma nova espiritualidade" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 41). Os pobres são, portanto, a mediação histórica que permite que as lutas sociais sejam dimensão integrante da vida espiritual. O ponto de partida é o encontro de Deus nos pobres, estes que constroem um caminho próprio para expressar sua fidelidade ao Senhor, dentro de seu terreno histórico de luta para libertação.

O processo de luta contra a desigualdade, a opressão e a miséria "constitui o território no qual se dá a experiência espiritual de um povo que afirma seu direito à vida" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 41). A fidelidade a Deus vivida no interior do processo mesmo de libertação, faz com que o povo oprimido manifeste sua peculiar vivência de fé e, portanto, sua própria espiritualidade. É justamente esta fidelidade convicta a Deus que alimenta o pobre, dando-lhe força, coragem e perseverança para suportar com alegria e esperança todas as formas de opressão.

Nesse caminhar na construção de uma nova espiritualidade, os pobres tornam-se cada vez mais conscientes da sua condição desumana de opressão, de exploração e de marginalização. Com isso, surgem movimentos de libertação iluminados pela busca de emancipação de tudo aquilo que possa obstaculizar a realização plena do pobre como ser humano. Os movimentos de libertação lutam fortemente para conquistar o respeito à liberdade dos seres humanos, na construção de um mundo no qual as pessoas sejam mais importantes que as coisas. Essas experiências de luta tornam tais movimentos verdadeiros elementos geradores da espiritualidade de libertação. É por isso que Gutiérrez afirma que "em toda grande espiritualidade, encontramos, no início, um certo nível de experiência" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 60). A espiritualidade é um movimento de experiência, reflexão e proposta. É uma obra profunda e compromissada de experiência espiritual no seguimento de Jesus mediante a inserção nos processos de

transformação social e na conversão radical de vida. Por isso mesmo é que no movimento dos pobres em busca de sua libertação integral há uma experiência de espiritualidade profunda de encontro com o Senhor.

Desse encontro com o Senhor nos pobres, é desenhado o caminho adequado para o seguimento de Jesus Cristo, o itinerário espiritual e, conseqüentemente, desenvolve-se a formação de seres humanos novos pelo poder do Espírito Santo. O significado mais profundo do compromisso com os pobres é justamente o encontro com Cristo. O Papa Bento XVI expressou bem a profundidade dessa espiritualidade de encontro com Deus ao sublinhar que "Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus" (BENTO, 2008, p. 29). A experiência concreta da realidade cruel de sofrimento dos pobres abre-nos à experiência daquele que neles está presente: o Senhor Jesus.

### **3.3 Itinerário espiritual – “nossa metodologia é nossa espiritualidade”**

Gutiérrez recorda que o itinerário espiritual do povo bíblico é fruto da experiência coletiva de um povo que se põe em marcha. É uma passagem da morte para a vida, da opressão para a libertação, atravessando o deserto, com olhar firme na feliz expectativa e esperança de alcançar a plenitude da promessa de Deus. Neste sentido, Gutiérrez sublinha que o itinerário é uma aventura coletiva sob dois aspectos: "seja a de um povo que rompe com a exploração e a morte sob a iniciativa de Deus que liberta, atravessa o deserto e chega à terra prometida, seja de um povo 'messiânico', designado como o caminho, no livro que conta seus Atos" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 16). É o caminho que o povo latino-americano percorre, buscando afirmar sua dignidade humana e sua condição de filhas e filhos de Deus.

Isso pressuposto, Gutiérrez afirma que "nossa metodologia é nossa espiritualidade" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 150). O caminho é o seguimento de Jesus na nossa vida, onde prática e contemplação se combinam: um novo ser humano, uma nova forma de ser cristão. No próprio desafio da pobreza se abrem perspectivas que nos permitem continuar a retirar "o novo e o velho" do tesouro da mensagem cristã. Por isso, esse novo cristão que "se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que do seu tesouro tira coisas, novas e velhas" (Mt 13,

52). O seguimento de Jesus, o itinerário espiritual e seu tesouro, é um caminho de experiência na extração de coisas novas a partir realidade, dando novo sentido às coisas velhas, aprendendo para sua conscientização e lutando por sua libertação.

Seguir Jesus é uma profunda experiência espiritual que está mediada por diferentes formas de presença de Deus que, de acordo com Gutiérrez, "condicionam as nossas formas de encontro com ele. Se a humanidade, se cada homem é o templo vivo de Deus, encontramos Deus no encontro com os homens, no compromisso com o devir histórico da humanidade" (GUTIÉRREZ, 1985, p.162). Isto possibilita a compreensão da profundidade da experiência de Deus e, conseqüentemente, da espiritualidade de libertação que advém do encontro com os pobres.

No contexto histórico da luta pela libertação dos pobres e oprimidos, nasce o caminho para o seguimento de Jesus, em função do compromisso com o amor e a justiça. É uma espiritualidade nova, onde o espaço de encontro com o Senhor é a experiência da gratuidade do amor de Deus. Trata-se de uma vida de entrega radical onde tudo é manifestação desse dom gratuito.

### **3.4 Espiritualidade de libertação e experiência de gratuidade**

A autêntica espiritualidade do povo pobre pauta-se pelo reconhecimento da alteridade de Deus, da sua plena liberdade e do seu amor gratuito. Além disso, a realidade de insignificância e opressão provoca o ser humano à consciência de sua pequenez, ao reconhecimento de sua realidade de miséria, gerando assim um sentimento de profunda humildade. Isso é elemento fundamental da espiritualidade e também do processo de libertação. Esse reconhecimento da sua própria pequenez conduz o ser humano a abandonar o antropocentrismo em que eventualmente possa estar imerso. Gutiérrez escreve que "os discursos de Deus insistiram em que o ser humano não é o centro do mundo e que nem todas as coisas foram feitas para seu serviço. O reconhecimento de sua pequenez poderia significar, então, um passo importante no abandono de seu antropocentrismo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 125). Portanto, o movimento de despojar-se de si próprio para ir ao encontro ao outro, mediante a solidariedade com os pobres, faz parte do núcleo



central de uma espiritualidade de libertação. O Papa Francisco, em sua homilia na Santa Missa na Solenidade de Pentecostes em 2020, apresenta bem essa necessidade de despojamento e busca do outro ao suplicar: "Espírito Santo [...] libertai-nos das paralisias do egoísmo e acendei em nós o desejo de servir [...] porque pior do que esta crise, só o drama de desperdiçá-la fechando-nos em nós mesmos [...] dai-nos a coragem de sair de nós mesmos, de nos amar e ajudar"<sup>17</sup>.

Trata-se de uma espiritualidade baseada na abertura ao próximo, amando-o gratuitamente para experimentar a gratuidade do amor de Deus. Pedagogia necessária a fim de contemplar a face amorosa de Deus, pois "só assim poderemos compreender que a 'união com o Senhor', proclamada por toda espiritualidade, não é uma separação do ser humano: para chegar a essa união é preciso passar por ele; por sua vez, ele me faz encontrá-lo mais plenamente" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 175).

### **3.5 Infância espiritual e compromisso com os pobres**

Quando nos encontramos com Deus, a partir do encontro com o pobre, plenificamos o significado do amor gratuito de Deus e de sua espiritualidade que ilumina e fortalece. Quando este encontro acontece, ocorre a vivência do que o Evangelho chama de *infância espiritual*: "atitude de abertura a Deus, disponibilidade de quem tudo espera no Senhor" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 140), compromisso firme que pressupõe uma experiência de grande humildade. A infância espiritual é condição necessária para comprometer-se com os pobres e lutar contra a pobreza. Gutiérrez chama a infância espiritual de pobreza espiritual, referindo-se à distinção dos tipos de pobreza definidos na Conferência de Medellín<sup>18</sup>. Para o autor, "trata-se da postura de

---

<sup>17</sup> Discurso do Papa Francisco na Missa na Solenidade de Pentecostes, em 31 de maio de 2020.

<sup>18</sup> Medellín distingue 3 tipos de pobreza: a) *A pobreza como carência dos bens deste mundo*, necessários para uma vida humana digna é um mal em si. Os profetas a denunciam como contrária à vontade do Senhor e, muitas vezes, como fruto da injustiça e do pecado dos homens. b) *A pobreza espiritual*, que é o tema dos pobres de Javé (of. Sof 2,3; Magnificat). A pobreza espiritual é a atitude de abertura para Deus, a disponibilidade de quem tudo espera do Senhor (of. Ml 5). Embora valorize os bens deste mundo, não se apega a eles e reconhece o valor superior dos bens do Reino (of. Am 2,6-7; 4,1; 5,7; Jer 5,28; Mlq 6,12-13; Is 10,2 etc). c) *A pobreza como compromisso*, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, para testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual frente aos bens do Reino. Continua, nisto, o exemplo de Cristo, que fez suas todas as

quem aceita o dom da filiação divina e responde a ele forjando a fraternidade" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 141). Somente praticando uma verdadeira solidariedade com os pobres é que se alcança a pobreza espiritual evangélica.

A definição tradicional de pobreza espiritual desvia a atenção do pobre oprimido para uma dimensão abstrata de pobreza diferente que na qual "o pobre seria, então, não tanto o que não possui bens materiais, e sim aquele que – possuindo-os embora – não está a eles apegado" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 236). Nesse sentido, um rico que se diz espiritualmente pobre, poderia não estar comprometido com as transformações sociais e com o combate às injustiças e opressões. Nem sempre aquele que é desprendido dos bens materiais é necessariamente caridoso e solidário. Tal perspectiva, ao generalizar o mal e não distinguir causa e efeito, acaba justificando a manutenção das incomensuráveis injustiças sociais. Por isso Gutiérrez acrescenta ao aspecto do desapego dos bens materiais desse mundo, a imperiosa necessidade de inserção no mundo dos pobres, pois somente a partir da infância espiritual é que brota a vontade de compromisso de solidariedade e proximidade ao mundo daqueles que são os prediletos de Deus.

A infância espiritual não é um simples estado anímico, é uma experiência evangélica de autêntico despojamento e é por isso que Gutiérrez descarta a possibilidade de qualquer tipo de associação da pobreza espiritual com o simples desprendimento dos bens materiais desse mundo. Segundo Gutiérrez, "a pobreza espiritual não é ali apresentada, primitivamente, sob o aspecto do desprendimento dos bens materiais, mas sim – dentro de uma linha mais profunda e evangélica -, é identificada com a infância espiritual" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 140).

A atitude de infância espiritual é uma exigência para o cristão diante de Deus e do próximo e, somente nesse caminho, pode-se fazer um autêntico encontro com o pobre, o oprimido. É fazer-se pobre, com o pobre e contra a pobreza. Assim sublinha Gutiérrez ao afirmar que "só repelindo a pobreza e fazendo-se pobre para protestar contra ela, poderá a Igreja pregar algo que lhe é próprio: a 'pobreza espiritual', ou seja, a abertura do homem e da história ao futuro prometido por Deus" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 248). Trata-se, portanto, de um testemunho fundamental para a autenticidade da exigência do seguimento de Jesus. O Reino de Deus é um

---

consequências da condição pecadora dos homens (of. Flp 2) e que sendo «rico se fez pobre» (2 Cor 8,9) para salvar-nos (Medellín, 2005, n. 14.4, p. 201).

presente gratuito que faz exigências àqueles que o acolhem na infância espiritual e na comunidade. Por isso é necessário ser crianças espirituais, pois "delas é o Reino dos Céus" (Mc 10,14). Desta forma, a pobreza espiritual revela a sua expressão mais rica e profunda nas bem-aventuranças evangélicas. Ser pobre de espírito é tornar-se criança e viver uma infância espiritual de humildade, despojamento, fazendo-se pobre com o pobre.

É importante também ressaltar que ao se referir a Maria, Gutiérrez mostra a característica da infância espiritual daquela que é modelo de seguimento de Jesus. O autor faz referência ao Magnificat como exemplo de espiritualidade de libertação ao assinalar que "essa ação de graças e essa alegria estão estreitamente ligadas à ação de Deus libertando os oprimidos e humilhando os poderosos: 'Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes'" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 176). Na experiência de humildade do servo, exigência da infância espiritual, revela-se a ação de Deus libertando de toda opressão e marginalização.

### **3.6 Espiritualidade e conversão: exigência de solidariedade**

Segundo Gutiérrez, "a conversão é o ponto de partida de todo caminho espiritual" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 107) e surge do encontro com Deus presente nos pobres, constituindo assim um centro integrador da espiritualidade no processo de libertação. Exige uma mudança radical do estilo de vida, na direção de uma ação solidária para com pobres e marginalizados. Isso requer uma transformação do contexto socioeconômico, cultural, político e humano em que o pobre está inserido. A esse respeito, Gutiérrez sublinha que "conversão significa radical transformação de nós mesmos, significa pensar, sentir e viver como Cristo presente no homem despojado e alienado" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 173).

Uma espiritualidade que não conduz à transformação radical do coração e da mente não pode ser autêntica e eficaz. A nova espiritualidade que brota no mundo de pobreza latino-americano se enraíza na missão libertadora de Cristo, fonte que ilumina o itinerário espiritual do cristão. O método teológico latino-americano brota e bebe da espiritualidade do Verbo encarnado e libertador.

Será necessária, para além de atitudes puramente interiores e espirituais, uma prática autêntica de solidariedade: "comprometer-se com o processo de libertação dos pobres e explorados, comprometer-se lúcida, realística e concretamente [...] saber e experimentar que [...] só estamos de pé segundo o evangelho quando o nosso centro de gravidade para fora de nós" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 173). Se a história é o lugar onde Deus é proclamado e onde Deus se manifesta, então a conversão também se expressa mediante compromissos e práticas a partir dos interesses dos pobres. Desta forma, o aproximar-se da realidade de opressão do pobre, promove a gestação de uma conscientização do pecado e consequente busca de reconciliação. O pobre é uma fonte rica de anúncio da palavra de Deus.

### **3.7 Uma espiritualidade nova: crisol no seguimento de Jesus**

O encontro com Deus nos pobres faz emergir uma espiritualidade nova, que alimenta e fortalece a inserção na realidade de pobreza e opressão e o compromisso pela libertação dos que sofrem injustamente. No entanto, há ainda um grande caminho a se percorrer rumo a uma espiritualidade de libertação. Para Gutiérrez, por se tratar de uma primeira geração cristã, "Em muitos aspectos de sua vida atual, não tem atrás de si uma tradição teológica e espiritual. Eles próprios a estão forjando" (GUTIÉRREZ, 1985, p. 116). A nova espiritualidade vai se desenhando e moldando aos poucos, através das experiências de fidelidade ao Senhor vividas por pobres e oprimidos.

Além do mais, esta nova espiritualidade não se identifica com a busca de um estado de perfeição por meio do desprendimento do mundo e das suas preocupações cotidianas, através de caminhos típicos de uma tradicional espiritualidade cristã que foi apresentada durante muito tempo, de caráter individualista e elitista, uma verdadeira *questão de minorias*: "ela parecia ser de propriedade de grupos seletos, de um certo modo fechados, e ligada, quase sempre, à existência das ordens e congregações religiosas" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 23). Esta espiritualidade tradicional fundamenta-se em isolamento do mundo com uma vida centrada em inquietações de ordem espiritual, porém distantes e desvinculados do compromisso com os oprimidos, sufocados pela cruel desigualdade social.

Por seu turno, a nova espiritualidade é bem mais abrangente e compreende a totalidade da existência dos seres humanos, revelando assim o autêntico seguimento de Jesus Cristo. Gutiérrez assinala bem esse aspecto ao sustentar que "a espiritualidade não se restringe aos aspectos – assim chamados – religiosos: a oração, o culto. Ela não é algo setorial, mas sim, alto de total [...] que abarca todas as dimensões da nossa vida" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 100).

A nova espiritualidade desvincula-se de qualquer caminho que afaste os seres humanos da realidade dos outros mediante uma espécie de confinamento à própria interioridade. Longe de enxergar o contexto do mundo exterior de pobreza e opressão, esse tipo de espiritualidade tradicional fundamenta-se no desenvolvimento individual e particular de virtudes pessoais. Constitui-se em caminho individual para o encontro com Deus. Gutiérrez adverte que, "neste seguimento, esta espiritualidade individualista não há condições de orientar aqueles que embarcaram numa aventura coletiva de libertação" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 27).

O caminho ao longo do qual o Espírito conduz é constituído pela marcha de um povo inteiro, o "povo messiânico". A nova espiritualidade como caminhada no seguimento de Jesus, assim como foi a experiência do êxodo para o povo judeu ou ainda o caminho percorrido pela Igreja primitiva, é protagonizada pela comunidade inteira e não "somente por personalidades isoladas" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 83). É uma aventura comunitária da *Igreja dos pobres*: "a espiritualidade que nasce na América Latina é a da Igreja dos pobres, a de uma comunidade eclesial que procura efetivar sua solidariedade com os mais pobres deste mundo. Espiritualidade coletiva, eclesial" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 42). Gutiérrez salienta o caráter comunitário da nova espiritualidade, concebendo-a como um percurso nas pegadas de Jesus Cristo. É na experiência da caminhada em comunidade que se torna possível experimentar a autêntica e efetiva ação do Espírito Santo, na medida em que "somente em comunidade é que poderemos escutar, acolher, anunciar o dom e a graça do Senhor – o chamado privilegiado para a superação de tudo o que rompe com a comunhão fraterna (opressão, injustiça, marginalização, discriminação etc)" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 147). Assumir vitalmente a perspectiva de Jesus na opção pelos pobres leva-nos à experiência de uma espiritualidade a partir dos miseráveis e oprimidos deste mundo. A solidariedade com os pobres é a fonte dessa nova espiritualidade segundo a qual seguir Jesus é viver segundo o Espírito.



### CAPÍTULO III

#### “COMO FALAR DE DEUS A PARTIR DO SOFRIMENTO DO INOCENTE?”

Como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente é indagação emblemática e recorrente na teologia de Gutiérrez. Como dizer ao pobre que Deus o ama numa situação em que lhe faltam os meios materiais e sociais mínimos para viver uma vida em dignidade? A partir da realidade da maioria da população do continente latino-americano e caribenho, Gutiérrez desenvolve uma reflexão teológica compromissada com a justiça e a vida na construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna, mais coerente com a utopia do Reino de Deus. Trata-se de uma experiência espiritual profunda, uma nova forma de sentir e experimentar Deus no meio do grito dos pobres, uma linguagem para falar de Deus a partir do sofrimento do inocente.

É importante lembrar que Gutiérrez recorre à expressão "falar de Deus" em sentido profético e teológico, ou seja: como busca de sentido para o sofrimento do inocente, questionando as causas deste sofrimento injusto. Este é o objetivo último perseguido em sua obra *Falar de Deus a Partir do Sofrimento do Inocente*. Escreve ele: "Mais exatamente, falar de Deus a partir de uma situação limite: o sofrimento do inocente" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 21). Refere-se ainda a falar de Deus como experiência de balbuciar sobre Deus a partir do sofrimento, quando Jó soube falar de Deus no compartilhar em sua própria carne a sorte dos pobres. Assim "o compromisso com o pobre oferece um terreno firme para uma linguagem de caráter profético sobre Deus [...] ao mesmo tempo, sua linguagem é antes de tudo um falar *sobre* o próprio Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 89).

#### 1 FALAR DE DEUS SOB A PERSPECTIVA DO POBRE

A reflexão teológica torna-se instigante quando realizada sob a perspectiva da realidade de miséria dos pobres: o que significa amar a Deus e ao próximo hoje na América Latina? "Como falar de um Deus que se revela como amor, numa realidade marcada pela pobreza

e pela opressão? [...] como reconhecer o dom gratuito de seu amor e de sua justiça a partir do sofrimento do inocente?" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 14).

### 1.1 Uma linguagem acerca do Mistério

Gutiérrez define teologia como "uma linguagem de Deus" e acrescenta que "na Bíblia, Deus se nos apresenta como um mistério" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 9). Segundo ele, sendo Deus um mistério, não se pode falar d'Ele senão na medida e de acordo com o modo de revelação do próprio mistério. Sendo assim, a teologia deve, antes de mais nada, indagar acerca das condições de possibilidade de se falar a partir deste mistério. Etimologicamente, a teologia procura falar de Deus, que é sempre um mistério. Nesse aspecto, um dos pilares do pensamento de Gutiérrez é que este mistério deve ser comunicado na linguagem da vida quotidiana, em seu contexto, em sua situação de vida, em sua cultura. Um mistério que nos impele a ficar próximos do que amamos e nos dá esperança. Nesse contexto, citando Arguedas,<sup>19</sup>Gutiérrez escreve que "o que sabemos é muito menor que a grande esperança que sentimos" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 9).

No curso de sua reflexão, Gutiérrez propõe um esforço para pensar esse mistério que se faz presente na história e no coração de cada um de nós, afirmando ser possível fazê-lo, mas com uma atitude de profundo respeito. "Atitude de respeito que não se coaduna com certos discursos que pretendem com segurança, e às vezes até com arrogância, saber tudo a respeito de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 9). Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, além de ser respeitoso, deve ser um caminho itinerante, sempre aberto a uma nova auto-comunicação histórica de Deus na contemplação e na prática da Sua vontade, conforme sublinha o autor: "O mistério de Deus vive na contemplação e vive na prática de seu desígnio sobre a história humana" e "poderá animar um raciocínio apropriado, um discurso pertinente" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 13).

Deus é mistério e mesmo que o ser humano tivesse acesso ao conhecimento do mistério, não conseguiria compreendê-lo totalmente, não poderia dar uma razão ao mistério nem com a sua inteligência nem com a sua vontade, porque "'Deus é maior que o homem', uma

---

<sup>19</sup>Romancista peruano a quem Gutiérrez dedicou a obra *Teologia da Libertação* e escolheu como epígrafe uma página do livro *Todas las Sangres*.



profunda convicção de Eliú e um dos seus temas centrais" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 85). Nesse mesmo raciocínio, o autor ressalta que "O mistério de Deus, porém, não se esgota na história. 'Agora vemos como num espelho, confusamente. Então veremos face a face. Agora conheço de um modo imperfeito, mas então conhecerei como sou conhecido' (1 Cor 13,12" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 49). A partir daí o sofrimento do inocente também se torna um mistério, pois "a dor predispõe para ouvir e acolher a palavra de Deus [...] mas "essa explicação não suprime o mistério da presença do sofrimento na existência humana" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 86). O ser humano reconhece seus próprios limites do entendimento do mistério, um reconhecimento do projeto de Deus de gratuidade amorosa que revelam "maravilhas que superam minha compreensão" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 137). Nem por essa razão, deixam de ser reais. É a partir delas que o sofrimento do inocente começa a ser entendido, é um caminho inicial de discernimento.

A teologia é possível porque o próprio Deus se revela, mistério esse que não pode ficar escondido, mas deve ser plenamente comunicado, está no centro e deve ser revelado. "Deve ser dito e não calado, comunicado e não guardado para si" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 10). A teologia é possível porque é essencial à vontade divina querer ser proclamado a todos. Por conseguinte, pensar o mistério de Deus tem início no cumprimento da vontade do Senhor de que esta revelação chegue a todos, "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei" (Mt 28,19). Para os cristãos, esse mandamento é indispensável, é imperativo, especialmente quando se trata de proclamá-lo àqueles que sofrem inocentemente.

Tendo em vista que Deus se revela de forma privilegiada aos pobres, então, a partir desse movimento, há a constituição de um passo relevante para a compreensão da perspectiva do falar de Deus, do pensar o mistério. O autor recorre à passagem do Evangelho de Mt 11,25-26 como um texto chave para compreender a revelação de Deus, a auto-comunicação que Deus faz de si. É o próprio Jesus que louva ao Pai "porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos" (Mt 11, 25-26). Esses pequeninos, sublinha Gutiérrez, são a "gente simples, "os pobres, os famintos e miseráveis [...] os desprezados [...] as crianças [...] os não

convidados para a ceia [...] é todo um bloco, um setor do povo, os 'pobres do país'" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 11).

Assim, aos pobres é conferida a graça de serem os primeiros destinatários da revelação, da Palavra de Deus, mistério plenamente manifestado por Jesus. Nesse sentido, falar de Deus é realizar a revelação do mistério a todos, através de uma descoberta de que falar dos pobres é falar de Cristo e, portanto, é falar de Deus: "o que lhes fizestes, a mim me fizestes" (Mt 25,40). Cristo é encontrado e revelado naqueles que são considerados os pequenos e marginalizados aos olhos do mundo (cf. Mt 11,25-27). No entanto, ser ignorante não é uma virtude digna de preferência e nem a sabedoria é digna da rejeição de Deus. "A ignorância [...] não constitui como tal uma virtude, algo meritório que explique a razão da preferência [...] também ser sábio não quer dizer falta de mérito, ou algo que afaste de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 11).

Os pobres são os preferidos de Deus e, portanto, os primeiros destinatários da revelação, não por causa de alguma condição moral ou espiritual, mas por força" de uma situação humana na qual Deus se revela atuando e transformando valores e critérios" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 11). Aos pequenos e marginalizados Deus se revela e, por isso mesmo, podemos observar atualmente diferentes formas de falar sobre Deus que têm contemplado distintos destinatários sofredores e pobres: teologias da libertação, teologias feministas, teologias de gênero, teologias negras e teologias interculturais, etc. O sofrimento advindo destas situações e, igualmente, o compromisso com ele, constituem o húmus dessa nova linguagem sobre Deus

Segundo Gutiérrez, "Cristo revela o Pai que o envia em missão universal, como um Deus amor". Cristo, pelo mistério da encarnação, revela a vontade livre e amorosa de Deus para com os pequenos e, por outro lado, a vontade fortemente compromissada pela libertação desses mesmos pequenos por parte daqueles que estão determinados a caminhar no seu seguimento de fidelidade ao projeto de Deus. Gutiérrez sublinha ainda que a gratuidade do amor de Deus é manifestada de uma forma particular no seu amor pelo pobre enquanto pobre, e não porque decorra em primeiro lugar de disposições morais e espirituais. São prediletos porque "os pobres merecem atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem [...] por isso Deus toma a sua defesa e os ama" (DP n. 1142, p. 548). O amor de Deus é simplesmente

gratuito e nos interpela a seguir rumo a relações humanas e religiosas de igualdade, liberdade e justiça. Daí advém que a pobreza não deve ser vista apenas como sinônimo de carência, mas também como realidade misteriosa e, nesse sentido, potencialmente salvífica "difícil de captar para uma mentalidade que tudo avalia com base em méritos e deméritos" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 12).

Para Gutiérrez falar de Deus só pode ser fruto de uma relação livre e amorosa com Deus, ou seja, "a liberdade de Javé se manifesta ao revelar que, no fundamento do mundo, Ele colocou a gratuidade de seu amor e que só assim se compreende o sentido de sua justiça" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 131). A questão da justiça deve ser, portanto, redimensionada no bojo maior da liberdade e da gratuidade de Deus. A mensagem evangélica de Jesus é atravessada pelo amor gratuito e livre do Pai por todo o ser humano, pois, como lembra o autor, "Deus não é um simples guardião de uma tacanha ordem moral [...] que O aprisionam em nossos gestos ou em nossos atos culturais" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 143).

Por conseguinte falar de Deus só é possível a partir do pobre, de sua realidade de miséria, porque Deus se revelou a ele e "implica por isso descobrir os traços de Cristo nos rostos, as vezes desfigurados, dos pobres deste mundo. Esta descoberta não se fará sem gestos concretos de solidariedade para com o irmão que sofre miséria, abandono e espólio". (GUTIÉRREZ, 1987, p.49), na contemplação e na prática do amor para com os pobres. O que justifica a preferência de Deus pelos pobres é a sua bondade, o seu amor gratuito, por isso é possível relacionar-se com Deus de uma forma que seja ao mesmo tempo livre e comprometida. Para aprofundar esse mistério torna-se imperiosa uma reflexão sobre a realidade histórica do pobre.

## **1.2 Falar de Deus: “ato segundo”**

Para se falar de Deus a partir do sofrimento do inocente e pobre, Gutiérrez explicita um específico método teológico: “Em primeiro lugar se contempla a Deus pondo em prática a sua vontade, seu Reino; só depois pode-se pensá-lo” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 13). O falar propriamente de Deus só faz sentido em um segundo momento, por se tratar de um ato de segunda ordem, reflexivo, que surge e remete a um primeiro ato transformador, espiritual,

libertador. Gutiérrez faz uma distinção teórica valiosa entre primeiro e segundo atos: "Em categorias que nos são conhecidas, contemplar e praticar é um conjunto que chamamos de *ato primeiro*; fazer teologia é um *ato segundo*" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 13). Primeiro pratica-se o silêncio do compromisso e da oração. Posteriormente vem o discurso, o falar de Deus no contexto da pobreza, a reflexão crítica que dialoga com as ciências sociais e humanas, mas que se fundamenta na própria Palavra de Deus.

É necessário, antes, a contemplação e prática do amor de Deus. Somente depois é que se inicia a falar de Deus. Uma inteligência de fé que não se reduz a mera teoria de como a fé deve ser, mas que reconhece a proeminência da contemplação e da prática sobre a construção teórica do segundo momento do falar de Deus. O objetivo não é suprimir pensamento teórico, mas sim restituí-lo, enriquecê-lo orientando-o para a transformação da vida e libertação da pobreza. Além do mais, Gutiérrez tem cuidado especial em não afastar as duas dimensões que, como discorremos anteriormente, ele denomina de *primeiro* ato: a contemplação e a prática.

É necessário situar-se num primeiro momento no terreno da mística e da prática. Só posteriormente pode haver um autêntico e respeitoso discurso sobre Deus. Fazer teologia sem a mediação da contemplação e da prática, seria esta forma das exigências do Deus da Bíblia (GUTIÉRREZ, 1987, p. 13).

No primeiro momento, segundo Gutiérrez, é essencial basear-se na experiência de diálogo íntimo com Deus e na prática de sua mensagem testemunhada nos evangelhos. Ulteriormente será possível articular o falar de Deus em um discurso teórico capaz de pensar sobre estas experiências, exprimindo-as através de um raciocínio apropriado. Primeiro, a contemplação e a prática, consolando e compadecendo-se do pobre. Depois a teologia, o falar de Deus a partir da observação dessa realidade primeira. Interessante como Gutiérrez define bem os dois momentos: um primeiro de silêncio, na contemplação e na prática; segundo do fazer teologia mediante um discurso bem regrado e articulado. "O silêncio, tempo de calar, é o ato primeiro e a mediação necessária para o tempo de falar sobre o Senhor, para fazer teo-logia, ato segundo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 13).

Contemplamos Deus e fazemos sua vontade antes mesmo de falar sobre Ele. Por isso o primeiro momento é momento de silêncio. O silêncio na oração é algo muito claro de se

perceber, pois perante Deus permanecemos calados, em meditação. Na prática da solidariedade com os pobres há também um calar, pois nesses momentos não falamos de Deus, não estamos dissertando sobre Ele. É o primeiro ato de silêncio. A teologia vem depois e representa uma reflexão sobre o primeiro momento da contemplação e da prática. Somente nesse segundo momento fala-se de Deus. "A mediação do silêncio, da contemplação e da prática, é necessária para pensar Deus, para fazer teologia" (GUTIÉRREZ, 1987, p.14). Dessa maneira, o ato segundo é enriquecido pelo ato primeiro. Trata-se de um falar de Deus a partir do sofrimento do inocente enriquecido pelo silêncio preliminar de contemplação e prática dessa realidade sofredora. Segundo Gutiérrez, este aspecto é fundamental, pois "é um ponto central de metodologia. Com ele, não se procura uma separação impossível destes dois aspectos. Trata-se, somente, de insistirmos no fato de que a reflexão teológica autêntica mergulha suas raízes na contemplação e na prática" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 150). Só através do seguimento de Jesus é possível falar de Deus.

Vive-se o mistério de Deus na contemplação e na prática. A teologia, por seu turno, é a palavra que se inspira e se alimenta do silêncio da contemplação e da prática. A prática já é uma forma de silenciar e, ainda, testemunha ativa da contemplação vivida em silêncio interior. O silêncio é o tempo de calar, ato primeiro. A palavra, o falar de Deus, vem mais tarde. "Na oração permanece-se mudo, simplesmente nos colocamos diante do Senhor. E na prática, em certo sentido, também se cala, porque no compromisso, no trabalho diário, não estamos falando de Deus o tempo todo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 13). O discurso teológico enquanto linguagem de Deus surge como resposta à contemplação de Deus e prática de sua vontade que se experimentam na solidariedade com os pobres.

Diríamos, portanto, que a contemplação de Deus vivida na solidariedade aos pobres é o primeiro momento de um falar de Deus que seja coerente com o testemunho e a mensagem de Jesus. Esta é a motivação fundamental pela qual se propõe a nova teologia enredada ao redor de dois momentos. Uma teologia empenhada tem de *beber do poço do próprio povo*, para atender às experiências de Deus que seres humanos vivem, especialmente na pobreza e dão testemunho na sua fé e esperança permanentes e incansáveis.

## 2 A LINGUAGEM DE DEUS À LUZ DO LIVRO DE JÓ

Gutiérrez lê e interpreta o Livro de Jó, à luz da fé obstinada dos pobres latino-americanos, que, em meio à situação de extrema miséria e opressão, depositam a sua confiança no Senhor na contemplação e na profecia: a linguagem da justiça e do protesto contra a opressão, por um lado, e a linguagem do abandono fiel a Deus, por outro. Em suma, Gutiérrez associa o mundo do povo sofredor na América Latina e o sofrimento do personagem bíblico Jó. "Nesta leitura do livro de Jó teremos em mente o que significa falar de Deus a partir da América Latina; mais concretamente, a partir do sofrimento dos pobres, isto é, da imensa maioria do povo" (GUTIÉRREZ, 1987, p.21).

O autor admite que a escolha dessa leitura pode causar estranheza a alguns: "há realmente os que pensam que, a partir dos pobres da América Latina e do compromisso pela libertação de um opressor secular, outros serão os textos que interessam" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 19). No entanto, justifica a escolha do texto para falar de Deus a partir do sofrimento do inocente com base na proximidade que existe entre Jó e os pobres latino-americanos. É essa motivação que impulsiona Gutiérrez a levar a teologia de volta à experiência primordial de falar de Deus partindo da situação extrema dos inocentes e do sofrimento extremo de um homem como Jó. Salienta Gutiérrez, no entanto, que Jó é um inimigo das reflexões teológicas que pretendem dar uma razão exaustiva para a existência de Deus. Assim, reforça o que chama de "atitude de respeito" para se refletir sobre o mistério de Deus.

No intuito de encontrar inspiração para falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, Gutiérrez apresenta Jó não como um mártir paciente e obediente que sofre nas mãos de Deus, mas como um exemplo para reconsiderações sobre a relação entre pecado, sofrimento e responsabilidade humanos. Para Gutierrez, Jó oferece luzes para se resolver a questão: porque é que os inocentes sofrem com o legado do colonialismo e escravidão na América Latina? "Como falar de Deus na condição de *pobreza e sofrimento*? Eis a questão proposta no livro de Jó [...] como falará Jó, dessa situação, de Deus?" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 41).

E, ao final, chegará à conclusão de que o sofrimento do inocente deve nos interpelar a superar as injustiças e desigualdades oriundas da opressão. Gutierrez lembra que Deus não pune e

nem castiga os pobres que estão despossuídos na América Latina e noutros lugares. Em vez disso, o sofrimento é o caminho para Deus. No entanto, para Gutiérrez, só termina no triunfo de Deus se a verdadeira fé for expressão do amor gratuito e desinteressado. Gutiérrez descreve a situação de sofrimento inocente como um teste de religião desinteressada, devoção a Deus sem reivindicar uma recompensa por ela. É assim que se fala de Deus a partir do sofrimento do inocente.

## **2.1 A aposta**

A primeira parte, intitulada "A Aposta", trata principalmente do prólogo e do primeiro monólogo de Jó. Os temas principais são a aposta de Deus com Satanás e a possibilidade de fé desinteressada de Jó. Além disso, Gutierrez observa que a aposta está no falar de Deus corretamente, dentro de uma situação de sofrimento do inocente, e questiona a própria religiosidade de Jó, e gratuidade da sua fé.: "existe alguém que, a partir do sofrimento injusto, seja capaz de afirmar a sua fé em Deus e falar dele, gratuitamente?" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 24). Deus acredita na gratuidade da fé de Jó, e por isso, aceita a aposta.

Gutiérrez apresenta o caminho através do qual Jó terá de pagar o preço de sua fé desinteressada, ou seja, falará de Deus numa nova linguagem, que brota da experiência de sofrimento extremo e inocente. Jó inicia um itinerário doloroso em busca de Deus, seguro na sua fé, fazendo da convicção de sua inocência um fundamento para a defesa dos pobres da história, lutando contra a doutrina da retribuição de seus amigos teólogos.

## **2.2A Linguagem profética**

A segunda parte, intitulada "A Linguagem Profética", discute principalmente os diálogos entre Jó e os amigos. A perspectiva escolhida ao abordar os diálogos é o protesto de Jó contra o sofrimento injusto dos inocentes - inicialmente o seu próprio sofrimento, mas gradualmente também o sofrimento dos pobres. Gutiérrez sublinha que dois métodos teológicos para falar de Deus a partir do sofrimento do inocente revelam-se antagônicos. Um falar de Deus

apresentado pelos amigos de Jó, a partir de um método que procede dos princípios à vida, cujo cerne "é o seguinte: o malvado é castigado e o justo é recompensado por Deus" e assim, "a pobreza e a enfermidade sofridas por Jó são um castigo por suas faltas" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 53-53). Ao contrário, Jó desenvolve um método para falar de Deus enraizado na experiência de sua inocência e de sua fé e solidário com outros inocentes que sofrem como ele. Jó replica a doutrina apresentada pelos amigos e insiste em falar de Deus a partir de seu sofrimento expressando "seu regozijo com certo orgulho: não blasfemou" e assim "as réplicas dos amigos provocação reação furiosa de Jó", pois sobre o método deles "não tem a mesma segurança que eles demonstram a respeito" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 54). Os amigos de Jó falam de retribuição temporal, concluindo que o sofrimento de Jó é consequência dele ter ofendido a Deus. Jó também provém de uma teologia de retribuição temporal, mas a sua própria situação questiona sua crença nesse tipo de doutrina: "doutrina que Jó conhece, e a que talvez aderiu no passado, mas que não justifica o que ele está vivendo agora, nem responde às intuições de sua fé (GUTIÉRREZ, 1987, p. 58).

Jó fala de Deus vivendo uma fé desinteressada, por várias razões. Primeiro, pratica-a fervorosamente agarrando-se a Deus e à própria inocência, malgrado todo o seu sofrimento. Em segundo lugar, demonstra fé desinteressada defendendo uma visão igualmente desinteressada do sofrimento. A prática da fé desinteressada ganha uma terceira dimensão quando, durante os diálogos, Jó alarga gradualmente a sua atenção para a situação dos pobres, uma vez que, segundo Gutiérrez, a consciência de Jó "provém da percepção de que a pobreza e o abandono ultrapassam seu próprio caso. Jó considera também que não se trata de uma fatalidade, mas de algo causado pelos maus que, apesar disso, levam uma vida plácida e satisfeita" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 67).

O sofrimento dos inocentes, pobres e marginalizados aliado ao bem-estar dos opressores que exploram cruelmente os pobres, são argumentos que confirmam para Jó a sua experiência de sofrimento e justificam sua crítica à doutrina da retribuição. No entanto, Jó compreende que os opressores falam desta forma porque não viveram o sofrimento de inocentes, o abandono, a pobreza, a miséria. É justamente nesse limite em que "a linha fronteira está na experiência pessoal. Nela se dá às vezes uma difícil aproximação de Deus que estes teólogos seguros e intelectuais desconhecem" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 63). Por isso essa



linguagem dos opressores para falar de Deus não consola o sofrimento do inocente, não toca o seu coração dolorido. Essa teologia órfã, dissociada e afastada do mundo real, é uma teologia repetitiva que não alimenta a libertação do sofredor inocente.

Gutiérrez prossegue apontando as causas do sofrimento do inocente e fazendo duras críticas àqueles que são os responsáveis por construir "um estado de coisas provocado pela maldade de alguns que exploram e despojam o pobre [...] o sofrimento do inocente aponta os culpados. A vida quotidiana do pobre é morte [...] os opressores são por isso chamados assassinos" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 68). Admite ainda que os amigos também utilizam a linguagem da profecia, mas o fazem adequando-a à teologia da retribuição, oprimindo assim ainda mais os pobres. E assim, inconformado diante do sofrimento do inocente, Jó continua confrontando os seus amigos, defensores da mais pura ortodoxia tradicional sobre a retribuição.

Desta forma, falar de Deus a partir do sofrimento do inocente não é um caso específico e individual de Jó. É uma situação desafiadora que provoca uma reflexão teológica profunda, pois "é um desafio para todo aquele que crê. Especialmente em situações em que esse fato adquire proporções de massa. No caso da América Latina isso dá lugar a uma ótica teológica própria" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 39).

Para falar de Deus, Jó se junta aos sofredores combatendo uma linguagem teológica que racionaliza o mal em detrimento dos pobres. E assim, vai se aprofundando na linguagem para falar de Deus com plena consciência que "a causa dos pobres é a causa de Deus. E Jó compreende que a ela está ligada também sua própria situação [...] Jó pertence ao mundo dos pobres" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 69). Uma vez que Deus exige que nos preocupemos com os pobres e o sofrimento inocente, isto prova que o sofrimento dos pobres não é fruto do castigo de Deus.

O que Jó suplica é que, por primeiro, os pobres sejam ouvidos, e somente depois, os amigos, os teólogos: "escutai atentamente as minhas palavras, seja este o consolo que me dais! Permitti que eu fale, quando terminar, zomba à vontade (Jó, 21,2-3). Gutiérrez alude aqui ao que denomina *ato primeiro* de ouvir o pobre, aproximar-se de sua experiência, ser solidário, praticar a fraternidade. Só posteriormente deve-se falar teologicamente de Deus. É por isso que Jó e os que sofrem inocentemente entram em crise ao falar de Deus recorrendo à doutrina da retribuição.

Suplicam inicialmente por uma aproximação à realidade e rebatem dizendo que "discorrer unilateralmente dos princípios teológicos para a vida, não leva a lugar nenhum. A busca a partir de sua experiência humana e religiosa lhe permite vislumbrar outras maneiras de falar (e de calar) sobre Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 63). Jó elabora um conceito ainda mais profundo do próprio Deus, a partir da experiência de sua própria inocência e de sua solidariedade com o sofrimento inocente dos pobres.

O próprio Jó se aproximara de pobres e miseráveis praticando uma linguagem de amor e com a consciência de agir em conformidade com a vontade de Deus. Jó faz um movimento primeiro de aproximação aos sofredores inocentes revelando "atenção para com as necessidades dos pobres, consolo aos aflitos, alimento para o faminto, guia para o órfão, vestido e lar para o desvalido, justiça para o inocente [...] uma exigência de comportamento para o que crê no Deus da Aliança" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 80). Deus faz-se amigo dos pobres e por isso "dar alguma coisa ao necessitado é dá-la ao próprio Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 78). Jó ajudou tanto os pobres que se intitulou "pai dos pobres" (Jó 29,16), amando os pobres como Deus os ama, falando de Deus amando o pobre em sua situação de sofrimento inocente. A experiência espiritual, sobretudo aquela que se articula como solidariedade efetiva com a causa dos que sofrem inocentemente, leva a um encontro com o próprio Deus.

Com profundo olhar teológico, Gutiérrez apresenta Jó (e todos os sofredores inocentes), não como pessoas que se concentram pesadas em sua própria dor. Ao contrário, Jó, o sofredor inocente, vale-se de seu próprio sofrimento para falar de Deus a partir de sua empatia e solidariedade para com o sofrimento dos outros pobres. Gutiérrez acredita que a única forma de confortar o sofrimento alheio é mediante a experiência de solidariedade. De um lado, Jó fala de Deus, sendo próximo e solidário aos oprimidos e marginalizados, fazendo de sua vida um falar de "entrega ao Deus que ama de preferência aos pobres, por isso procurou ser atento às necessidades destes" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 82). De outro lado, os amigos de Jó, preocupam-se apenas com seus próprios interesses e privilégios, buscando preservar o seu precioso conhecimento sobre o mundo e sua ordem. Desta forma pretendem se proteger das dificuldades oriundas de uma maneira correta de falar de Deus, que poderia afastá-los de uma vida cômoda e chamá-los à solidariedade com o pobre que sofre inocentemente.

Havia mais um personagem na discussão que, até então silenciosamente ouvia toda a discussão (Eliú). Sua intervenção inesperada (Jó 32-37) parece apoiar a doutrina ortodoxa dos três amigos de Jó. Apesar de sua inexperiência, pois era muito jovem, ele argumenta que os três amigos não tinham capacidade de replicar a Jó. Reprova duramente Jó em seu modo de falar de Deus. Gutiérrez adverte que ele "não é um amigo de Jó. Sua fala será por isso algo fria e distante. Seu propósito não é consolar [...] mas ensinar e julgar" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 84). O arrogante Eliú não considera a condição de sofrimento inocente de Jó. Sua forma de falar de Deus não se aproxima da realidade sofrida de Jó, não entra no mundo de Jó e suas inquietações. É uma forma de falar de Deus que "tem outra motivação: defender o que ele considera a doutrina correta" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 84).

O jovem teólogo Eliú argumenta que Deus pode ter razões que os seres humanos não conhecem, afinal exorta que "Deus é maior do que o homem" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 83). Ao apontar para a transcendência de Deus, Eliú prepara-se para a revelação de Deus no sofrimento do inocente como função pedagógica dizendo que "o sofrimento pode encerrar uma revelação de Deus [...] a dor predispõe para ouvir e acolher a palavra de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 86). Além disso, Eliú fala de Deus mediante a linguagem de profecia de Jó concentrando-se nos pobres, os preferidos de Deus. No entanto, ainda é um falar de Deus a partir do sofrimento pouco amadurecido, que ainda não é suficiente para o autor, uma vez que continua refém da doutrina da retribuição. Segundo Gutiérrez, este falar de Deus "não suprime o mistério da presença do sofrimento na existência humana [...] o poeta quis transmitir uma resposta [...] do contraste entre a doutrina da retribuição e a experiência humana" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 86).

Gutiérrez conclui que tanto os profetas quanto Jó ensinam que a forma apropriada de falar de Deus a partir do sofrimento é o amor preferencial de Deus pelo sofrido. É um falar de Deus a partir do sofrimento, que agora sente na própria carne e "seu falar sobre Deus se tornará mais profundo e veraz [...] o compromisso com o pobre oferece um terreno rico para uma linguagem de caráter profético sobre Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 89). Jó utiliza linguagem profética fazendo sua a causa dos pobres. Jó agora compreende que para falar de Deus a partir do sofrimento do inocente tem que se despojar de si, ir ao encontro do pobre, mesmo sem ter esclarecido sua própria situação. Gutiérrez sublinha que esta percepção "dá a Jó uma pista para

falar de Deus a partir de sua experiência de dor e injustiça. Sair de si mesmo, ajudar a outros que sofrem – sem esperar resolver primeiro seus próprios problemas" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 90).

Jó entende que o compromisso efetivo com o sofrimento dos pobres obriga-o a sair de seu próprio mundo, sair de sua individualidade e enxergar a urgência dos pobres. Tudo isso é "um passo na rota para um falar sobre Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p.90). Significa ir ao encontro do pobre e praticar a justiça da libertação de seu sofrimento.

Este falar de Deus a partir do sofrimento do inocente utilizando uma linguagem profética ainda é, segundo Gutiérrez, insuficiente para compreender o sentido profundo da justiça divina. Imerso no conflito entre a própria experiência de sofrimento, a convicção da sua inocência e as suas súplicas a Deus, Jó aprofunda o pensamento de que a justiça de Deus necessita ser visível neste mundo. Para que o discernimento de Jó ao falar de Deus a partir do sofrimento do inocente se desenvolva ainda mais, faz-se necessária uma mudança radical. A linguagem da profecia precisa ser complementada pela linguagem da contemplação.

### **2.3 A linguagem da contemplação**

Jó está convencido de que para falar de Deus a partir do sofrimento do inocente tem que cumprir a exigência do compromisso com os mais pobres e "não é necessário que tudo esteja claro para ver a urgência desse requisito e para pô-lo em prática. É uma primeira expressão do desinteresse da fé" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 91). A partir do cumprimento desse requisito essencial, nasce outra linguagem, a saber: mística, contemplativa, revelada inicialmente a partir da fé do povo sofrido. No entanto, a linguagem da contemplação não é apenas uma voz silenciosa meditativa, mas uma voz de "queixa, perplexidade e confronto" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 96).

Gutiérrez elabora sua reflexão sobre a linguagem de contemplação apoiado nas súplicas de Jó pedindo um árbitro, uma testemunha e um libertador. O árbitro permitirá a um homem frágil falar com o Deus todo-poderoso. A testemunha evidenciará o seu sofrimento inocente. O libertador irá resgatá-lo. O resultado da conversa contemplativa de Jó com Deus é a presença real de Deus no redemoinho. Estes três momentos partilham a mesma natureza

paradoxal, na medida em que são precedidos pelas mais fortes acusações de Jó dirigidas a Deus. Jó quer encontrar o próprio Deus e este desejo cresce cada vez mais.

Jó agora vai trilhar um caminho de aprofundamento na compreensão da gratuidade de Deus, rejeitando as interpretações ideológicas do sofrimento dos inocentes. Ao mergulhar no significado da gratuidade do amor de Deus, Gutiérrez quer mostrar que é o ponto de partida indispensável do percurso de Jó até Deus, mas que, no entanto, uma simples afirmação dessa gratuidade pode ser insuficiente para responder à embaraçosa experiência do sofrimento. Então, como falar de Deus a partir dessa experiência embaraçosa do sofrimento do inocente? A fé do povo precisa ser complementada pela linguagem da profecia e pela transformação da fé no encontro real com o Senhor.

Jó empreende um verdadeiro embate com Deus e suas acusações são graves, posto que direcionadas contra a justiça de Deus: "Jó afirma e reafirma sua integridade, sua inocência, ao mesmo tempo que critica a aparente irracionalidade com que Deus conduz as coisas [...] censura também sua injustiça: 'ele se ri da desgraça do inocente'" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 98). O aprofundamento do discernimento de Jó é continuado nos diálogos. A luta espiritual de Jó está à espera que Deus surja e lhe se revele. Esse é outro aspecto da linguagem da contemplação:

A linguagem da contemplação é um caminho em busca de um encontro com o Senhor no meio do sofrimento que deve percorrer o caminho da confusão e do desespero, oriundos do sofrimento do inocente. As súplicas de desespero, os protestos, as acusações do pobre oprimido não são tanto expressões de incredulidade, mas antes afirmações de uma profunda confiança no Senhor. O carácter paradoxal da fé surge com maior destaque quando Gutiérrez discute a fé de Jó no seu Go'el, o Defensor, o Vingador: "a quem apela Jó? [...] um Deus juiz e ao mesmo tempo um Deus que o defenderá no momento supremo. Um Deus que Jó experimenta quase como inimigo, mas ao mesmo tempo sabe que na verdade é amigo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 108).

Finalmente, a linguagem da contemplação culmina no encontro com o Senhor a partir do meio da tormenta. "Jó conseguiu que Deus lhe respondesse. Insistiu de várias maneiras e com obstinação. Deus lhe fala, não o aniquila nem o repreende por seus pecados" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 114). Gutiérrez salienta que Deus responde revelando-se à Jó, em vez de censurá-lo, como faziam os amigos durante os diálogos. Esse encontro de Deus com Jó é o mesmo onde

"estão presentes todos os inocentes deste mundo que sofrem injustamente e que perguntam pelo porque desse fato de Deus em quem creem" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 113).

Nos seus discursos, Deus confronta Jó em dois aspectos essenciais. Primeiro, relembra o plano divino com relação ao mundo. Segundo, recorda o governo justo de Deus. Jó e seus amigos argumentavam que o destino dos pobres pertencia ao plano de Deus originário da criação do mundo. Nesse sentido, os sofrimentos dos inocentes seriam resultado de sua própria culpabilidade. No primeiro discurso, Deus sustenta sua alegria e liberdade criadoras expressando "que tem um plano, é verdade, mas não é um plano compreensível ao entendimento humano, de modo que se possa fazer cálculos e prever a ação divina. Deus é livre, seu amor é causa e não efeito manipulável" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 120). A compreensão de todo o universo não está fundamentada na doutrina da retribuição, mas é iniciativa livre e gratuita do amor de Deus, "não é algo lateral ou agregado à obra criadora, mas o verdadeiro eixo do mundo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 117). Desta forma, o plano de Deus não é movido pelo mecanismo de causa e efeito, mas a criação livre de um mundo onde reina a liberdade.

No segundo discurso, Deus aprofunda o sentido de seu justo governo no mundo, seu direito, seu juízo e aponta para a liberdade das criaturas. Deus quer justiça, mas não no sentido que os amigos de Jó argumentam. Deus explica que ele "quer a justiça, deseja que seu direito reine no mundo, mas não pode impô-lo, por respeito ao criado. Seu poder tem um limite: a liberdade humana [...] precisamente porque é livre, todo ser humano tem o poder de mudar de caminho, de converter-se" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 127). Embora Deus queira justiça, ele envolve os seres humanos no governo do mundo.

Gutiérrez argumenta que as respostas de Deus não são as mesmas que poderíamos esperar, "a ponto de se dizer que suas palavras não aludem a problemas concretos e que, por conseguinte não respondem às angústias e interrogações de Jó" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 114). No entanto, são respostas reais. Deus responde às perguntas de uma maneira que Jó não previa. Deus interpela ao discernimento para reconhecer que o amor gratuito divino é a pedra angular do mundo. Gutiérrez salienta que "a razão para crer 'por nada' é a iniciativa livre e gratuita de Deus [...] desta perspectiva temos que partir constantemente, para fazer tudo novo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 117). Segundo o autor, é isso que leva à comunhão de duas liberdades: "o correlato da

liberdade de Deus revelada em Jó é a liberdade humana. A liberdade de Jó expressa-se em sua queixa e rebelião. A liberdade de Deus revela-se na gratuidade de seu amor que não se deixa encerrar num sistema de prêmios e castigos"(GUTIÉRREZ, 1987, p. 131).

Gutiérrez salienta que os discursos de Deus se baseiam na noção de liberdade, pois "a grandeza de Deus está mais em sua liberdade e gratuidade de seu amor, do que em seu poder. E está em sua ternura" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 114). Essa ternura de Deus faz com que não censure Jó pelos seus pecados. Ao contrário, Jó confirma sua inocência e Deus expressa que Jó soube falar bem: "Meu servo Jó falou corretamente" (Jó 42, 7-8). O mistério da liberdade divina é a condição da liberdade humana e isso vai contra qualquer tipo de racionalização teológica da ação de Deus na história: "em outros termos, o Deus todo poderoso é também um Deus 'fraco'. O mistério da liberdade divina leva ao mistério e ao respeito da liberdade humana" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 127).

Jó e todo o povo sofredor, com suas orações de lamentação, estão sempre mais próximos de Deus do que seus amigos e suas respectivas teologias. É um encontro no qual Deus se faz conhecer e se revela aos pequeninos e, assim, num face-a-face no qual Jó e todo sofredor manifestam sua fé, sua esperança e sua caridade. Jó comporta-se com uma criança, mostrando sua espiritualidade infantil diante do Pai. Mesmo diante de seu sofrimento inocente sempre alimentou a ardente esperança nesse encontro com Deus e, agora, com felicidade dirige-se a Deus não para protestar, mas "para aceitar e submeter-se, não por resignação, mas por contemplação e amor. O encontro com Deus está na lógica da atitude de Jó, do orante Jó" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 139). Jó tem consciência que sua esperança no encontro com Deus sempre foi maior que suas queixas e seus protestos.

Segundo Gutiérrez, Jó reclama seu direito de falar de Deus a partir de uma luta pela libertação diante do conflito entre sua experiência de inocência e a doutrina da retribuição argumentada por seus amigos. Jó percorre um caminho árduo para falar de Deus e se encontra diante de três possibilidades para se falar de Deus a partir do sofrimento do inocente: "um reconhecimento de que Deus tem planos e que eles se realizam; a descoberta de aspectos imprevisíveis e um gozoso encontro com o Senhor" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 135). O falar de

Deus se torna uma linguagem de Jó que se reconhece inocente, porém, agora, retrai toda a sua lamentação sobre seu sofrimento.

É a partir daí que Jó assume uma atitude radical e humilde de arrependimento de suas queixas e propõe um movimento de penitência no pó e na cinza, pois "os discursos de Deus fizeram-no compreender que essa atitude não é justificada. Não retira nem se arrepende do que afirmou, mas agora vê com lucidez que não pode continuar falando em tom de queixa" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 141). O encontro com Deus numa situação de sofrimento transforma radicalmente a vida de Jó e do sofredor inocente, e alimenta uma nova forma de falar de Deus a partir de seu sofrimento. Esse encontro com Deus se realiza diretamente, Deus se revela, diferente do contato indireto manifestado anteriormente por seus amigos, por teologias que não consolam, não suavizam a alma do sofredor inocente. Agora, Jó "percebe uma outra maneira de conhecer e de falar de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 138). É um contato imediato de Deus com o pobre que sofre inocentemente.

Deus se revela e abre um caminho novo para Jó e todo povo sofredor. Jó é inundado por um sentimento de alegria e agradecimento, pois descobre que falar de Deus implica no encontro com o próximo, vislumbrando nesse novo caminho "por onde deve ir ao encontro de Deus e do próximo. Daí o tom de agradecimento e alegria pelo que lhe foi revelado através da discussão com seus amigos e com Deus, e em especial nos discursos 'do meio da tormenta'" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 141). A alegria de Jó nesse encontro imediato com Deus expressa a firme esperança na restituição final que Deus providenciará a Jó: sua família, sua saúde e seus bens. Gutiérrez lembra que, ao relatar o final feliz, o autor bíblico se preocupa em "expressar com uma situação humana e material a profunda e espiritual alegria experimentada por Jó diante de seu encontro final com Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 41).

No encontro com Deus, Jó confirma a sua fé desinteressada e reconhece a gratuidade do amor de Deus. Esse é o encontro verdadeiro com Deus. É desta forma que Jó transforma seu modo próprio de falar de Deus. Jó conclui que doutrina da retribuição não alivia a dor e, portanto, não é suficiente para falar de Deus, pois sabe que "o amor de Deus, como todo amor, não se move num universo de causas e efeitos, mas no mundo da liberdade e da gratuidade" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 142). Jó tem consciência que sua experiência individual de sofrimento



inocente deve envolver um contexto mais abrangente, contemplando a situação de todos os pobres e marginalizados do mundo. Seu caso não é individual, mas sinal emblemático e significativo de uma realidade mundial de sofrimento inocente no mundo de miséria dos pobres. Jó se dá conta de que a exigência da fé o obriga à solidariedade e justiça para com os que Deus ama com predileção: os pobres. "Esse amor preferencial é o fundamento do que chamamos linguagem profética para falar de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 143).

A graça envolve toda a alma e o coração de Jó. Sabe que não está liberado da obrigação da exigência da fé para abrir-se ao pobre com compromisso firme e real de combater as injustiças e desigualdades. Mais ainda, Jó compreende ainda mais a concepção da predileção de Deus pelos pobres "ao situar a justiça no marco da gratuidade, do amor gratuito de Deus. Só desta perspectiva é possível compreender a predileção pelo pobre [...] não há oposição entre gratuidade e justiça" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 143).

No encontro com Deus, que se dá no encontro com o pobre, sem impor fronteiras à bondade divina Jó alcança a libertação. Jó não enclausura Deus na visão míope de seus amigos, e assim, "o Deus da vida devolve à Jó uma vida que não deixa aprisionar-se dentro de uma estreita ordem ética, mas que se inspira constantemente no amor livre e gratuito de Deus. Essa libertação é objeto da atitude contemplativa de Jó" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 147). O que Jó aprendeu "e o levou à contemplação, é que a justiça sozinha não tem a última palavra ao falar sobre Deus. Estamos [...] diante do Deus da fé somente quando reconhecemos a gratuidade de seu amor. A graça não se opõe nem desmerece a busca pela justiça" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 142).

Na busca por se falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, Jó ilumina-se ao chegar à conclusão de que deve incorporar tanto a gratuidade do amor de Deus como as Suas exigências de justiça, ou seja, "da mão do Senhor Jó aprendeu que à linguagem profética para falar de Deus é necessário acrescentar a linguagem da contemplação e da veneração. O ponto de partida para ambas é uma presença, muito mais que uma doutrina" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 149). Jó aprendeu a enxergar a doutrina da retribuição fora das noções de prêmios e castigos que os amigos apregoavam. O essencial agora é cumprir as exigências éticas no sentido de dar de graça o que de graça recebeu. "É assim que a linguagem profética reforça o falar animado pela contemplação de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 152).

Por outro lado, a percepção que Jó alcançou durante seu itinerário em busca de falar de Deus a partir do sofrimento do inocente permanece parcialmente satisfeita e, por conseguinte, nem todas as suas perguntas foram respondidas. O mistério ainda continua, pois "ficam de pé muitas e difíceis questões, múltiplas e angustiosas perguntas por satisfazer, mas a senda para a plenitude do encontro com o amor e a liberdade de Deus começou a ser deslumbrada" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 155).

Em suma, os discursos de Deus e as respostas de Jó fornecem elementos riquíssimos para um falar com Deus a partir do sofrimento do inocente. No primeiro discurso de Deus é acentuado o seu amor gratuito dissociado de qualquer sistema de prêmios ou castigos. No segundo discurso, Deus ressalta o seu governo justo do mundo. Na gratuidade de seu amor, Deus estabeleceu livremente limites a Si próprio devido ao Seu desejo de ter uma Criação com liberdade, uma vez que "Javé recebe este reconhecimento com outra expressão de humildade: Ele também tem seus limites, os que se impôs a Si mesmo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 128). No final da sua longa e dolorosa experiência de sofrimento na história, Jó descobre que Deus tem um desígnio de amor gratuito para com o mundo natural e que, com a mesma gratuidade, governa a história humana, mesmo que nenhuma teologia possa dar razões satisfatórias e convincentes para seus planos.

Além disso, o correlato dessa liberdade de Deus é a liberdade do ser humano, na medida em que há "o respeito manifestado por Deus, aqui, pela liberdade humana" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 128). O respeito de Deus pela liberdade humana tem implicações importantes também para a posição dos seres humanos. Jamais alguém pode estar em uma posição de absoluta maldade, a ponto de a conversão ser impossível. No entanto, a dimensão de Sua liberdade não será alcançada por qualquer compreensão humana de justiça, pois, afinal, "o livro de Jó não pretende encontrar uma explicação racional e definitiva ao problema do sofrimento" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 150).

Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, segundo Gutiérrez, deve ser feito à luz dessa relação entre justiça e gratuidade. Para o autor, isso "nos levará a ver como deve estabelecer-se a relação entre *justiça e gratuidade* – na nossa opinião, a chave de interpretação do livro de Jó" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 133). As duas formas de seguimento de Jesus "se cruzam, se

enriquecem mutuamente e finalmente convergem num correto falar acerca de Deus" (GUTIÉRREZ, 131, p. 131). Deve-se buscar um caminho de entendimento onde o mundo da justiça encontre seu pleno sentido e realização na gratuidade do amor de Deus.

Para Gutierrez, o conhecimento produzido pela teologia pode situar os seres humanos em zonas de conforto caracterizadas pela estagnação de uma visão do mundo que ou culpa ou ignora o sofrimento dos inocentes. Gutiérrez adverte que urge ir ao encontro do pobre que sofre inocentemente, para um verdadeiro falar de Deus a partir de seu sofrimento, sob pena de estarmos imersos em uma teologia estéril, uma vez que "só poderemos falar a partir de sua esperança, se soubermos calar e comprometer-nos com o sofrimento dos pobres [...] será possível evitar que nossa teologia seja um 'discurso vazio' (Jó 16,3)" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 166). Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, para o autor, implica no comprometimento efetivo com a causa do pobre, "levando a sério a dor humana, o sofrimento do inocente, e vivendo sob a luz pascal o mistério da cruz no meio dessa realidade" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 166).

## **2.4 Conclusão**

Ao final, Gutiérrez sublinha o itinerário próprio percorrido por Jó para responder às interpelações do sofrimento do inocente e indica o firme caminho "através de seu veemente protesto, de sua descoberta do compromisso concreto com o pobre e com todo aquele que sofre injustamente, de seu confronto com Deus e através do reconhecimento da gratuidade de seu projeto sobre a história humana" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 164). Gutiérrez mostra ainda vestígios da tensão entre a necessidade urgente da linguagem da profecia e a inevitabilidade da linguagem da contemplação. Ao lembrar o caminho percorrido por Jó, faz um convite: "cabe-nos fazer nosso próprio itinerário nas condições presentes da dor e da esperança do povo na América Latina, analisar sua relação com a necessária eficácia histórica e sobretudo confrontá-la novamente com a Palavra de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 164).

O mais alto testemunho de fé e amor desinteressados, segundo Gutiérrez, consiste em assumir o sofrimento dos outros, com compromisso contundente e com atitude convicta de despojamento. É o próprio que Cristo assumiu amorosamente na cruz: o sofrimento de todos.

Cristo morre na cruz como consequência de um falar sobre Deus que outros não aceitam, porque, no fundo, rejeitam veementemente a mensagem evangélica de um Reino onde o amor gratuito divino e a preferência pelos pobres são realidades. A tal propósito, escreve Gutiérrez: "O Filho de Deus nos ensinou que falar de Deus deve passar pela experiência da cruz [...] a negativa em aceitar essa mensagem [...] leva Jesus à morte. A cruz é o resultado da resistência dos que negam acolher o dom gratuito e exigente do amor de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 157).

Gutiérrez finaliza conclamando todos a mergulharem no mistério da cruz: "o mistério proclamado pelo Filho de Deus, morto e ressuscitado, e que nós reconhecemos quando seu Espírito nos faz dizer: '*Abba, Pai*' (Gl 4,6)" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 166).

## CONCLUSÃO

O estudo de algumas obras de Gutiérrez levou-nos à conclusão de que falar de Deus a partir do sofrimento do inocente significa primeiramente conduzir a teologia de volta à sua fonte, à sua origem: o Deus que se nos apresenta como mistério. Trata-se de recuperar o sentido primário da teologia, isto é: "linguagem sobre Deus". O autor percorre um caminho para levar a teologia ao mais simples e essencial: contemplar o mistério de Deus, no silêncio e na prática, e, a partir daí "falar de Deus". Como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente? Trata-se de encontrar uma linguagem para falar de Deus no meio do sofrimento causado pela pobreza, pelas desigualdades sociais, pelas opressões e pela violação dos direitos fundamentais mínimos do ser humano.

No intuito de responder à pergunta sobre como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente, Gutiérrez recorre ao livro bíblico de Jó. Jó simboliza todos os que sofrem inocentemente, todos os que vivem uma realidade de pobreza, os pequeninos, os prediletos de Deus, pois a inocência que o personagem Jó afirma enérgica e reiteradamente ajuda a compreender a inocência dos povos latino-americanos, oprimidos e fervorosos na fé. A experiência de fé de Jó constitui uma possibilidade para se falar de Deus a partir do sofrimento do inocente. Trata-se da fé de Jó e de tantos "Jós" que sofrem inocentemente, numa condição "umedecida pelas lágrimas e encandecida pelo sangue" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 44). Esse falar se fundamenta principalmente no amor gratuito de Deus e na sua justiça insondável.

Jó ensina-nos que uma fé incondicional e desinteressada representa um mergulho no itinerário de uma linguagem para falar de Deus à luz de sofrimento extremo e inocente. Esta fé torna possível ver o próprio Deus na experiência do encontro com o pobre, ouvi-lo na solidariedade com os pobres, combatendo as injustiças e resistindo convictamente contra os julgamentos de doutrinas vazias. É a fé desinteressada que torna possível um falar de Deus que provê à restauração através da justiça e do direito. Como, então, a partir da realidade dos pobres, e mais especificamente do sofrimento do inocente, podemos anunciar o amor de Deus e proclamar a ressurreição de Jesus? Há o risco de se falar de Deus com explicações que não condizem como rosto de Deus que nos foi revelado em Jesus. Jó escolheu o caminho do

compromisso concreto com os pobres e com todos aqueles que sofrem injustamente. Trata-se de ir ao encontro do pobre, solidarizar-se com ele e ter a ousadia de não ficar calado, pois só assim poderemos formular uma teologia que fale bem de Deus.

Gutiérrez salienta a dialética entre contemplação de Deus e prática de Sua vontade. Segundo ele, "o andar profético e o andar contemplativo são um caminho", caminho este que deve ser percorrido "sem ignorar suas aventuras, porque a dor humana injusta continua ali dilacerante e insaciável" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 155). Por esta razão, nas obras do autor, percebe-se a presença de uma dialética entre espiritualidade e teologia. Pois como ele mesmo diz: "toda autêntica teologia é uma teologia espiritual" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 50). E, assim, Gutiérrez propõe uma nova maneira de seguir Jesus Cristo, uma nova espiritualidade e, portanto, uma nova forma de fazer teologia. Nesse sentido, o autor sublinha de forma belíssima que "nossa metodologia é nossa espiritualidade" (GUTIÉRREZ, 1984, p. 150). A espiritualidade é concebida como experiência do encontro com Deus no pobre, no seguimento de Jesus que nos revela a predileção do Pai pelos pobres e oprimidos. A fé em Deus e na gratuidade de seu amor conduz naturalmente à experiência de Jesus na opção preferencial pelos pobres e à solidariedade com os oprimidos. A fé no Deus da Bíblia dá vida à relação dialética entre espiritualidade e teologia. Uma espiritualidade que brota da solidariedade com os pobres e que acolhe o sofrimento do inocente como exigência de sua libertação, produz uma nova teologia que, se propõe a falar de Deus a partir do sofrimento do inocente.

A contemplação de Deus e a realização de Sua vontade, segundo Gutiérrez, constituem o ato primeiro da teologia. Seu ato segundo seria pensar e falar sobre Deus. A contemplação não deve ser algo separado da prática da vontade de Deus, uma vez que "o mistério de Deus vive na contemplação e vive na prática de seu desígnio sobre a história humana" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 13). A dramática experiência de Jó testemunha a necessidade de uma linguagem contemplativa (de louvor e oração) e também profética (que consiste na solidariedade com os pobres em seu sofrimento). Na sua atormentada experiência de Deus, Jó descobre que o amor gratuito de Deus é a origem de tudo e, especialmente, o horizonte no qual a exigência de justiça se encontra. "Da mão do Senhor Jó aprendeu que à linguagem profética para falar de Deus é necessário acrescentar a linguagem da contemplação e da veneração" (GUTIÉRREZ, 1987, p.

149). Tanto a linguagem profética quanto a contemplativa emergiram dialeticamente em Jó à luz de sua própria experiência de dor e de fé. Também na América Latina, ambas as linguagens nascem da experiência de fé e de sofrimento dos pobres.

As duas linguagens são complementares e inseparáveis. Gutiérrez as apresenta como duas maneiras conexas de experimentar Deus. A ação a favor da justiça, o combate às desigualdades e a libertação do oprimido não podem se dar sem a companhia da contemplação. Ao contrário, deve ser uma linguagem que abra os olhos do ser humano para vislumbrar o horizonte do mistério e do amor gratuito de Deus. Da mesma forma, a contemplação não pode conduzir o ser humano a uma atitude de indiferença face à injustiça e à realidade da pobreza. Gutiérrez salienta que a contemplação e a profecia de Jó e dos pobres atingem sua expressão mais elevada em Jesus. Jesus louva o seu Pai por amar os pobres com amor preferencial e de predileção. As duas linguagens, contemplativa e profética, podem ser claramente vistas no ministério público de Jesus, culminado em Sua experiência de morte de cruz. Assim, ambas as linguagens, profética e contemplativa, prefiguram a linguagem de Jesus sobre o seu Pai, especialmente no momento da cruz.

Na cruz, sofrendo imensamente o abandono do seu Pai, Jesus, "o 'abandonado', se entrega nas mãos do Pai. Confronta as formas do mal e do pecado quando, ao entrar em comunhão com a esperança, afirma que a vida, e não a morte, tem a palavra final" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 160). Com este gesto, se solidariza com a dor e a esperança de toda a humanidade, sobretudo dos mais pobres. Tudo isso manifesta a experiência redentora da cruz que se converte em causa de salvação eterna. Por isso "nossa reflexão teológica parte da experiência da cruz e da morte. Assim como da alegria da ressurreição e da vida" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 156). No grito de solidão de Jesus na cruz a queixa e a lamentação da solidão não suprime a esperança: "meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?" (Sl 22,2). Apesar da situação injusta de sofrimento do inocente, o salmista persevera em sua fé persistente. No fundo espera que Deus faça justiça e escute e cuide dos pobres que sofrem inocentemente, "todavia tu és o Santo, o entronizado para louvor de Israel" (Sl 22,4). Nesse contexto, segundo Gutiérrez, no mistério da cruz, Jesus revela sua esperança no Deus que liberta, que ama e protege com predileção o pobre, o oprimido, o insignificante. Para ele, esta experiência de Cristo, "loucura para os que se perdem, mas poder de

Deus para os que se salvam" (1Cor 1,18), nutre e se torna fonte da linguagem da cruz manifestada pelos discursos profético e contemplativo. Para o autor, esta linguagem é "a única apropriada para falar do Deus de Jesus Cristo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 161). Por conseguinte, a cruz é a causa da salvação eterna. Na confiança da ação libertadora de Deus, Jesus é solidário com os pobres da história e entrega-se na sua luta pela justiça até à morte. Na cruz Jesus amplifica o grito de todos os inocentes que sofrem injustamente no mundo. É por isso que a cruz se torna a causa da salvação eterna.

A reflexão teológica de Gutiérrez encontra em Jó e em Jesus um eco das perguntas inquietantes postas pelo sofrimento provocado pela pobreza e pela opressão. Falar de Deus a partir do sofrimento atinge sua expressão privilegiada na Cruz de Cristo: "O Filho de Deus nos ensinou que falar de Deus deve passar pela experiência da cruz [...] a cruz é o resultado da resistência dos que negam acolher o dom gratuito e exigente do amor de Deus" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 156).

Gutiérrez lembra ainda a Virgem Maria que proclama com alegria no Magnificat que Deus cumpre as suas promessas, e que Ele é justo, no contexto mais amplo da gratuidade do seu amor. Na primeira parte, Maria proclama com alegria a grandeza do seu Deus: "o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. Seu nome é Santo" (Lc 1,49). A segunda parte descreve as ações de libertação que Deus executa em favor dos pobres, dos humildes e famintos. Maria anuncia que Deus volta seu olhar preferencial para o pobre: "Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes" (Lc 1,52). O poder da fé e a força espiritual das palavras de Maria manifestam que a busca da justiça deve ser colocada no contexto da gratuidade do amor de Deus. Da mesma forma, esse amor gratuito de Deus nos eleva à compreensão de que junto de nossa oração deve haver a firme exigência de solidariedade para com aqueles que vivem em uma situação contrária ao plano de vida de Deus. Gratuidade do amor e justiça no falar de Deus, pois Deus olha a humildade da serva. Liberta os cativos, "derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes; sacia de bens os famintos, despede os ricos sem nada". Volta-se à exigente fraternidade para com os pobres.

Deus revela aos que sofrem inocentemente que a gratuidade livre do seu amor é a pedra angular do mundo. Somente a partir dessa percepção é que a sua preocupação com a justiça



e com os pobres se torna compreensível. A pobreza não é castigo de Deus. Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente só alcança sua plenitude ao libertar-se de qualquer noção de retribuição temporal, que defende que Deus, mais cedo ou mais tarde nesta vida, recompensa os justos e castiga os pecadores. Deus não deseja o mal e o sofrimento do inocente. Na verdade, o sofrimento do inocente é um mistério que continua "tremendo e mais fascinante que nunca" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 155), pois mostra uma transcendência de Deus que interpela a liberdade humana para um comportamento religioso e ético autenticamente gratuito.

Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente é falar de Jesus que veio trazer vida em abundância. E a vida dá frutos entre os pobres da Igreja na América Latina, especialmente a partir de uma resposta de fé e esperança sem precedentes que se traduz em solidariedade fraterna, no combate às desigualdades, no compromisso com o pobre e contra a pobreza. Não há separação entre amar a Deus da vida e amor ao próximo lutando por sua vida. Sobretudo uma luta pelos preferidos de Deus: os pobres.

Concluindo, Gutiérrez reconhece que não pretende encontrar uma explicação racional e definitiva para o problema do sofrimento do inocente, mas, ao contrário, a partir do sofrimento do inocente busca uma forma adequada para se falar de Deus. É bem verdade que vemos a realidade do mal, mas também vemos parte da sua misteriosa função e pedagogia no itinerário espiritual do ser humano para conhecer a si próprio e conhecer a Deus. Desta forma, pode-se chegar à convicção de que a transformação do mal em bem, a libertação da opressão, consiste em tarefa conjunta da humanidade e de Deus. Esta luta pela justiça não é tarefa exclusiva de Deus, mas deve ser uma tarefa conjunta de Deus e do ser humano. Gutiérrez enfatiza essa questão ao mencionar que o ser humano "é suficientemente grande para que Deus – o Todo-poderoso – se detenha no umbral de sua liberdade e lhe peça colaboração na construção do mundo e seu justo governo" (GUTIÉRREZ, 1987, p. 129). O ser humano precisa de Deus e do próximo para estabelecer a justiça no mundo e deve fazê-lo a partir daqueles que mais sofrem, os prediletos de Deus. O relacionamento de Deus e do ser humano se pauta pela busca conjunta e amorosa de justiça e combate às desigualdades. Em meio às constantes mudanças na história, urge exercitar um diálogo permanente, como um itinerário espiritual e histórico de seres humanos que se encontram e decidem caminhar juntos amando-se gratuitamente.

## REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas, 2019.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENTO XVI. *Carta encíclica “Deus caritas est”*: sobre o amor cristão. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Discurso*. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe (Aparecida, SP 13/05/2007), disponível em <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)>. Acesso em 05/05/2021.

BEOZZO, José Oscar. *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas, 2015.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1970.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Conselho Episcopal Latino-Americano. Brasília: Edições CNBB, 2007.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

\_\_\_\_\_. *Homilia*. Santa Missa na Solenidade de Pentecostes. Basílica de São Pedro em 31 de maio de 2020, disponível em [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco\\_20200531\\_omelia-pentecoste.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200531_omelia-pentecoste.html). Acesso em 16/05/2021.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*. Confrontos. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *Beber no Próprio Poço*. Itinerário espiritual de um povo. Tradução de Hugo Pedro Boff. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_ *Falar de Deus A Partir do Sofrimento do Inocente*. Uma reflexão sobre o livro de Jó. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_ *O Concílio Vaticano II na América Latina*. In: BEOZZO, J. O. (Org.). *O Vaticano II e a Igreja Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 17-49.

\_\_\_\_\_ *Teologia da Libertação*. Perspectivas. Tradução de Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_ *Uma teologia da libertação no contexto do terceiro milênio*. In: O futuro da reflexão teológica na América Latina. São Paulo: Edições Loyola, 1998

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. MEDELLÍN, 1968. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documentos do CELAM: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 71-224.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. PUEBLA, 1979. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documentos do CELAM: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 225-584.

IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. PUEBLA, 1979. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documentos do CELAM: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 585-782.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo rei socialis* (Sobre a Solicitude Social por ocasião do Vigésimo aniversário da *Populorum Progressio*). São Paulo: Loyola 1988.

PAULO VI. *Populorum Progressio*. In: COSTA, Lourenço (org.). Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1997, p. 109-153. (Documentos da Igreja, 3). AAS LIX (1968).

PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio Da Doutrina Social Da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

WEIL, Simone. *Espera de Deus*. Tradução de M.M.Barreiros. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.